

A árvore dos cantos

Amoa hi ã he rë haanowehei

*Ou o livro das transformações, contadas
pelos Yanomami do grupo Parahiteri*



edição brasileira © Hedra 2026
organização e tradução © Anne Ballester Soares

coordenação da coleção Luísa Valentini
edição Jorge Sallum
coedição Suzana Salama
revisão Luísa Valentini e Vicente Sampaio
capa Lucas Kröeff

ISBN 978-65-89705-69-7

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pajés Parahiteri

A árvore dos cantos. Pajés Parahiteri; organização e tradução de Anne Ballester. 2. ed. São Paulo, SP: Hedra, 2025.

ISBN 978-65-89705-69-7

1. Conto. 2. Literatura brasileira. I. Pajés Parahiteri. II. Ballester, Anne. III. Título.

CDD: 869.93

Elaborado por Janaina Ramos (CRB 8/9166)

Índices para catálogo sistemático:

I. Conto: Literatura brasileira

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORIA HEDRA LTDA.
Rua Sete de Abril, 235, cj. 102
01043-000 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

A árvore dos cantos

Amoa hi ã he rë haanowehei

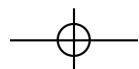
*Ou o livro das transformações, contadas
pelos Yanomami do grupo Parahiteri*

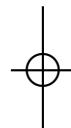
Pajés Parahiteri

Anne Ballester Soares (*organização e tradução*)

2^a edição

hedra
São Paulo 2026

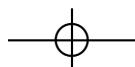




A árvore dos cantos faz parte do segmento yanomami da coleção Mundo Indígena – com *O surgimento dos pássaros*, *O surgimento da noite* e *Os comedores de terra* –, que reúne quatro cadernos de histórias dos povos Yanomami contadas pelo grupo Parahiteri. Trata-se da origem do mundo de acordo com os saberes desse povo, explicando como, aos poucos, ele veio a ser como é hoje. A história que dá nome a este volume conta o surgimento do canto, que nasceu a partir de uma árvore. Reúne ainda outras narrativas, como as que tratam do surgimento da cobra, da flecha, e da multiplicação das onças.

Anne Ballester foi coordenadora da ONG Rios Profundos e conviveu vinte anos com os Yanomami do rio Marauíá. Trabalhou como professora na área amazônica e atuou como mediadora e intérprete em diversos *xapono* do rio Marauíá – onde também coordenou um programa educativo. Dedicou-se à difusão da escola diferenciada nos *xapono* da região, assim como à formação de professores yanomami, em parceria com a CCPY Roraima, incorporada atualmente ao Instituto Socioambiental (ISA). Ajudou a organizar cartilhas monolíngues e bilíngues para as escolas yanomami a fim de que os professores pudessem trabalhar em sua língua materna. Trabalhou na formação política e criação da Associação Kurikama Yanomami do Marauíá e participou da elaboração do Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA), organizado pela Hutukara Associação Yanomami e o ISA.

Mundo Indígena reúne materiais produzidos com pensadores de diferentes povos indígenas e pessoas que pesquisam, trabalham ou lutam pela garantia de seus direitos. Os livros foram feitos para serem utilizados pelas comunidades envolvidas na sua produção, por isso parte significativa das obras é bilíngue. Esperamos divulgar a imensa diversidade linguística dos povos indígenas no Brasil, que compreende mais de 150 línguas pertencentes a mais de trinta famílias linguísticas.



Sumário

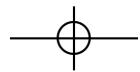
Nota da organizadora.....	9
Como foi feito este livro	11
Para ler as palavras yanomami	13
A ÁRVORE DOS CANTOS.	15
A árvore dos cantos	17
Amoa hi ã he rẽ haanowehei.....	21
Monstro Kéyakéya	25
Kéyakéya	29
O surgimento das cobras	33
Tẽ pẽ rẽ orupraronowei.....	37
A Onça e a Centopeia	41
Ira xo, wapororitawẽ xo kĩ he haapii..	43
A Onça e o Tatu	45
Ira xo, opo xo kĩ he haapii	47
A multiplicação das onças	49
Ira pẽ rẽ pararoyonowei	51
Minhocão	53
Horemariwẽ	59
O pássaro <i>popomari</i>	65
Popomaritawẽ	67
O surgimento da flecha.....	69

Xereka a rẽ kuprarionowei.....	71
Antes do surgimento do terçado.....	73
Sipara a rẽ kuprarionowei	75
O corte dos cabelos	77
Tẽ pẽ hemakasi pẽyomou rẽ hapamonowei.....	79

Nota da organizadora

Este livro reúne histórias contadas por pajés yanomami do rio Demini sobre os tempos antigos, quando seres que hoje são animais e espíritos eram gente como os Yanomami de hoje. Essas histórias contam como o mundo veio a ser como ele é agora.

Trata-se de um saber sobre a origem do mundo e dos conhecimentos dos Yanomami que as pessoas aprendem e amadurecem ao longo da vida, por isto este é um livro para adultos. As crianças yanomami também conhecem essas histórias, mas sugerimos que os pais das crianças de outros lugares as leiam antes de compartilhá-las com seus filhos.



Como foi feito este livro

Os Yanomami habitam uma grande extensão da floresta amazônica, que cobre parte dos estados de Roraima e do Amazonas, e também uma parte da Venezuela. Sua população está estimada em 35 mil pessoas, que falam quatro línguas diferentes, todas pertencentes a um pequeno tronco linguístico isolado. Essas línguas são chamadas yanomae, ninam, sanuma e xamatari.

As comunidades de onde veio este livro são falantes da língua xamatari ocidental e ficam no município de Barcelos, no estado do Amazonas, na região conhecida como Médio Rio Negro, em torno do rio Demini.

DA TRANSCRIÇÃO À TRADUÇÃO

Em 2008, as comunidades Ajuricaba, do rio Demini, Komixipiwei, do rio Jutaí, e cachoeira Aracá, do rio Aracá — todas situadas no município de Barcelos, estado do Amazonas — decidiram gravar e transcrever todas as histórias contadas por seus pajés. Elas conseguiram fazer essas gravações e transcrições com o apoio do Prêmio Culturas Indígenas de 2008, promovido pelo Ministério da Cultura e pela Associação Guarani Tenonde Porã.

No mês de junho de 2009, o pajé Moraes, da comunidade de Komixipiwei, contou todas as histórias, auxiliado pelos pajés Mauricio, Romário e Lauro. Os professores yanomami Tancredo e Maciel, da comunidade de Ajuricaba, ajudaram nas viagens entre Ajuricaba e Barcelos durante a realização do projeto. Depois, no mês de julho, Tancredo e outro professor, Simão, me ajudaram a fazer a transcrição das gravações, e Tancredo

e Carlos, professores respectivamente de Ajuricaba e Komi-xipiwei, me ajudaram a fazer uma primeira tradução para a língua portuguesa.

Fomos melhorando essa tradução com a ajuda de muita gente: Otávio Ironasiteri, que é professor yanomami na comunidade Bicho-Açu, no rio Marauíá, o linguista Henri Ramirez, e minha amiga Ieda Akselrude de Seixas. Esse trabalho deu origem ao livro *Nohi patama Parahiteri pë rë kuonowei të ã – História mitológica do grupo Parahiteri*, editado em 2010 para circulação nas aldeias yanomami do Amazonas onde se fala o xamatari, especialmente nos rios Demini, Padauiri e Marauíá. Para quem quer conhecer melhor a língua xamatari, recomendamos os trabalhos de Henri Ramirez e o *Diccionario enciclopedico de la lengua yānomāmi*, de Jacques Lizot.

A PUBLICAÇÃO

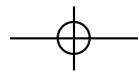
Em 2013, a editora Hedra propôs a essas mesmas comunidades e a mim que fizéssemos uma reedição dos textos, retraduzindo, anotando e ordenando assim narrativas para apresentar essas histórias para adultos e para crianças de todo o Brasil. Assim, o livro original deu origem a diversos livros com as muitas histórias contadas pelos pajés yanomami. E com a ajuda do PROAC, programa de apoio da SECULT-SP e da antropóloga Luísa Valentini, que organiza a coleção Mundo Indígena, publicamos agora uma versão bilíngue das principais narrativas coletadas, com o digno propósito de fazer circular um livro que seja, ao mesmo tempo, de uso dos yanomami e dos *napë* – como eles nos chamam.

Este livro, assim como o volume do qual ele se origina, é dedicado com afeto à memória de nosso amigo, o indigenista e antropólogo Luis Fernando Pereira, que trabalhou muito com as comunidades yanomami do Demini.

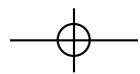
Para ler as palavras yanomami

Foi adotada neste livro a ortografia elaborada pelo linguista Henri Ramirez, que é a mais utilizada no Brasil e, em particular, nos programas de alfabetização de comunidades yanomami. Para ter ideia dos sons, indicamos abaixo:

- /i/ vogal alta, emitida do céu da boca, próximo a *i* e *u*;
- /ë/ vogal entre o *e* e o *o* do português;
- /w/ *u* curto, como em *língua*;
- /y/ *i* curto, como em *Mário*;
- /e/ vogal *e*, como em português;
- /o/ *o*, como em português;
- /u/ *u*, como em português;
- /i/ *i*, como em português;
- /a/ *a*, como em português;
- /p/ como *p* ou *b* em português;
- /t/ como *t* ou *d* em português;
- /k/ como *c* de *casa*;
- /h/ como o *rr* em *carro*, aspirado e suave;
- /x/ como *x* em *xaxim*;
- /s/ como *s* em *sapo*;
- /m/ como *m* em *mamãe*;
- /n/ como *n* em *nada*;
- /r/ como *r* em *puro*.



A árvore dos cantos



A árvore dos cantos

Nós vamos cantar. No início, não havia canto, não havia, ninguém cantava. Onde se erguia a árvore dos cantos, os dois foram caçar. Dois moços Wakusitari — dois não, um só moço, que a descobriu em sua região.

Os Katarowëteri eram os amigos dos Yärusi, cujo líder se chamava Yärusi. Do outro lado da planície, eles, os Wakusitari encontraram a árvore dos cantos.

Outros dizem que foram os Koteahiteri que descobriram a árvore cantando, e que chamaram os Katarowëteri para pegar os cantos.

Graças à árvore, os Koteahiteri se enfeitaram com penas de cauda de papagaio, pintaram-se com elegância, colocando crista de mutum, e dançaram. Era uma região bonita e plana onde crescia somente a planta ária. Eles ocupavam uma bela região.

Por isso, dois moços koteahiteri foram caçar.

— Vamos entrar na mata, lá adiante!

O irmão mais velho e o irmão mais novo foram caçar. A floresta parecia mais baixa por causa da luz forte, como a luz do dia na roça. Foram embora naquela direção, andando. Andavam no meio do brejo, andavam no meio, ouviram os ecos dos cantos.

Não havia sujeira no chão onde encontraram a árvore dos cantos dançando, para frente e para trás. Havia somente areia bonita e muito brilhante. A árvore dançava.

— *Ãë, ãë, ãë, e, e, e, e, ãë, ãë, ãë!* — encontraram a árvore cantando assim.

— *Ë, aëë, ëaëë, ëaëë, ëaëë, ëaëë!* — cantava a árvore.

Enquanto isso, o irmão katarowëteri, o filho mais velho, disse:

— Õo, irmão menor! Dá pra ouvir um canto, lá onde há uma luz grande acima do pântano, o som do canto vibra lá, escute isso! Provavelmente é o som de um grande monstro! Esse som, naquela direção, mais adiante! Vamos nos aproximar por ali, abrir um caminho no areal! Venha aqui! Vamos, irmão menor! Vamos logo olhar de perto!

— Será voz de gente? — disseram os dois.

Onde a árvore dançava, a luz forte batia na areia bonita.

— Õoooãaaa! Vamos, irmão menor, vamos! A árvore dos cantos está dançando, vamos, vamos, vamos até nosso pai, para avisá-lo! — disse.

O irmão menor subiu em uma árvore bonita *matomî* inclinada, para ver se havia gente por perto, se via algum movimento, subiu e ficou no alto.

Ali, na areia, a luz brilhava de todas as cores, repousava bem no centro, e a árvore dançava devagar para frente e para trás, cantando. A boca da árvore era bem bonita, e a árvore dançava para frente e para trás.

O irmão menor desceu e disse:

— Õooãaaa! Irmão mais velho! Irmão mais velho! Nossa! Está lá cantando e dançando, de uma maneira tão bonita, é a árvore dos cantos! Querido, parece que essa árvore canta, essa árvore tem cantos bonitos!

— Vamos! Vamos até nosso pai!

Os dois disseram e correram imediatamente. Chegaram correndo.

— *Prohu!* Chegamos!

Eles encontraram esse som e se enfeitaram por causa da árvore dos cantos.

— Meus queridos! Enfeitem-se para pegarem cantos bonitos!
— disse o líder dos Koteahiteri.

O irmão mais velho fez o *himou* com o pai, contando-lhe sobre a árvore dos cantos.¹

— *Tārai! Ha!* Meu pai! Pai! Olhe! Sou teu filho, olhe! Você não sabe por que voltei logo correndo! Você nem sabe! Pai! Pai! Pai! Você nem imagina o canto bonito que meus ouvidos ouviram! De arregalar os olhos! Meu pai! Meu pai! Meu pai! Você que mora aqui, eu sou seu filho, eu não lhe diria para proibir as mulheres se enfeitarem! — disse.

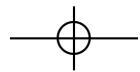
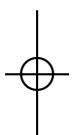
— É claro! É claro! Queria ouvir isso mesmo, meu filho mais velho, querido! — respondeu seu pai.

Fez o *himou*:

— Vamos! *Ôooooaaaõoõaõoõa!* Ele viu uma bonita árvore dos cantos! *Ôõoo!* — gritaram.

Ficaram animados.

1. O *himou* é uma modalidade de diálogo ceremonial usada para trazer notícias, ou fazer um convite para uma festa.



Amoa hi ã he rë haanowehei

A MOA pëma a tapë. Hapa amo a kuonomi. Kuonomi, ai të pë kāi amoamonomi, tēhē amo a kama hi rē upraatayowei hamī, kī rami hupirayoma.

Kutaenī hi ã eë hapirema Wakusitari a huyani, kipinī mai, yami a huyani. Katarowëteri pë rë kui, Yärusi kama nohi e pë wäha kuoma, Yarusi përiamî a wäha kuoma yaro. Ihî ai maxi yari hamî Wakusitari pëni amoâ hi ã he haremahe.

Inaha ai tē pē kui: Hei Koteahiteri pē yaini amoā kē hī ā he ha-amahe. Katarowēteri kē pē ha nakarēheni, amoā kē hī ā toamahe.

Amoa hi nohi pauxiamaha. Werehi xina pata huuhamaha. Pë onimoma, pë no aiama, ikimo a huuhamaha, pë ha kuaani, amoa hi nohi praiamahe. Urihi katehe kë, kuma kë masi he pata yarimoma, urihi katehe a pomahe.

Pouhe yaro, ihi Koteahiteri huyahuya ki ramí apíyo héríma.
Ki ramí ha apíro hérini.

— Kiha pëhë kî ha paikutuni!

Hei pë pata, hei pë oxe, inaha rami kë ki hupima, rami kë ki apiyo héríma. Kutaeni, híii! e té xii pata yahatotoa héríma. Hikari kurenaha e té xii pata kuaa héríma. Kuua hérípë hamí, kipi katito héríma. Matotapi héríma.

— *Äë, äë, äë, e, e, e, e, e, äë, äë, äë, äë!* — amo a e hi kupii he harema. — *Ë, aëë, ëaëë, ëaëë, ëaëë, ëaëë!* — amo a e hi kupima. Kui ha, Katarowëteri pata a rë kui, ihirupi pata e rë kui:

— Ōo! Ōasi! Amoa a nohi karëhorati kihi tē xii pata rē makerati ha, kihi amoa, kiha amoa kē a morokai kurati, yimika ta taprao, ihī rē — e kuma — Yai tē ã pata pē wëë! — pata e kuapraroma. Ihī Koteahiteri pëni. — Kihi tē ã rē morokarati hamī, mihi tē pata makamakapí rē matoto piyehëri hamī, wa yo ha reikimapaharuni, a ta ahehetetaru! — pata e rē kuyaronowei — Pei! Oxei! Pëhë tē ta mii ahetou xoao!

— Yanomami rē tē pē ã mata tawë!

Ki noā tapiyoma, amoa kē hi tirurupë hamī. *Hiiiiii!* Makamaka katehe kē e xii pata makeoma.

— Ōooāaa, pei kē, oxei, pei kē oxei, amoa hi rē tiruropiyei ë, pei kē, pei kē, hayë kē ihamī ëë, hayë pëhë a yimikamapëë! — e kuma.

Matomi katehe hi pata kaiopë hamī, oxe e tukema, Yanomami tē pē mii ha, tē pē xurirou mii ha, e ha tuikuni, e ha tirehetaruni.

Kihi makamaka kē a xii pata no aiwë makeai kupiyei, mi amo yai hamī amoa kē hi wa kāi opi tirutirumoma, tē hi kahiki no aiwë no kirii, e tē hi tiruroma.

— Ōooāaa! — e ha nihoroto hérini — Apa! Apa! Kurahë katehe kē tē wā kāi tirurou kuopiyei. Apa, amoa kē hi ë! — a kuma. — Pusi amoa kē hī ã no taië, pusi amoa katehe kē hī ã rē taië! — e kuma.

— Pei kē! Hayë kē ihamī ë! Ki ha kupini, ki rërëpia xoape hérima. Ki ha rërëpipo hérini:

— Prohu! — e ki kupima.

Amoa hi nohi pauxiaïhe ha:

— Pusi pei kē pē ta pauximo xë! Amoa katehe wama a toapë! — përiami Koteahiteri e kumahe.

Hi nohi himopïama pē patani e hi nohi himoama, amoa hi wāha nohi wëai ha, pē hi iha.

— Tārai! — e kuma — Ha! Napemi! Napemi! Ha! Hei yarohë ya rē kuii, ha! Wetí wa tē tai ha, wa tē rërëi mi yapa a ta kuponí? Wa puhi kuoraní ha kunomai! Napemi! Napemi! Napemi! Hei ya yimika ha amoa katehe ya rē hiritaiwei! Ya mamo rē ikeketoouwei, napemi! Napemi! Napemi! Hei ki suwë

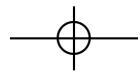
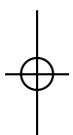
rë kui, ki pauximomai mai! E roa yai a ta përa! Yarohë ya rïya kuorani kunomai! — e kuoma. E kui ha:

— Hão! Hääooooo! Noa tai yai a ta péraxëa. Pusiwë! Pusiwë!
Ha! Inaha rë kë, inaha rë kë — pë hii e kuma.

E nohi himoama.

— Pei kë! Ōoāaōoāaōoāa! Amoa katehe hi he hõra rë hare-
nowë! Ōoooo! — e pë kuma.

E pë xi wã kãi toaama.



Monstro Këyakëya

HAVIA também os que viviam na região centro-sul, os Yäimoropiwei, que ficaram presos, pois moravam dentro da terra com o monstro Këyakëya — que, portanto, não era gente.

Os que asfixiaram Këyakëya existiam bem antes de nossos antepassados. Këyakëya morava dentro da terra, na vizinhança do *xapono* dos ancestrais.¹

Apesar de ser um monstro, Këyakëya era líder dos Yäimoropiwei. Os companheiros de Këyakëya moravam dentro da terra e a casa deles tinha um respiradouro, como o da casa do tatu. A casa de Këyakëya também tinha um respiradouro. Moravam ali também os Motuxi, que se dividiram e se espalharam.

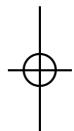
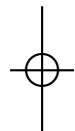
Os Prãkiawëteri asfixiaram Këyakëya, tentando matá-lo. Asfixiaram-no, foi assim que nos ensinaram a matar. Eles não o mataram com flecha.

No início, não havia matança, não havia inimizade, não havia briga mortal. Os *napë* também não existiam.² Os nossos antepassados não sabiam manifestar ira nem raiva.

Ele conseguiu escapar sob a forma de espírito. Ele não se transformou à toa. Os companheiros dele, como nós, sempre padeciam de fome; todos morreram pela fumaça que entrou no buraco.

1. Os *xapono* são as casas coletivas circulares onde moram os Yanomami. Cada casa corresponde a uma comunidade; em geral não se fazem duas casas numa mesma localidade.

2. O termo *napë* designa os estrangeiros, em geral os brancos, ou quem adotou seus costumes.



Kéyakëya nos legou o sentido de vingança por causa da filha de quem? Qual é o nome do pai cuja filha foi vítima da残酷de de Kéyakëya, que chegou e entrou no *xapono*? A vítima que, brutalmente, Kéyakëya fez descer da rede e sair era a filha do líder dos Naiyawëteri. Era uma moça bonita, realmente muito bonita. Ela estava na primeira menstruação e, mesmo assim, ele a arrancou da reclusão.

Apesar de ser monstro, Kéyakëya existia e vivia como gente. Como morava dentro de um buraco, depois de trucidar a menina menstruada, ele e os demais membros do grupo foram asfixiados pelos Präkiawëteri. Mas apenas Kéyakëya conseguiu fugir, se tornando eterno na forma de espírito. Ele ainda existe como espírito.

Naiyawë desgalhava um pé de fruta *nai*³ em uma roça distante. *Aooo, aoooo, aoooo, aooo!* Fazia assim para sua gente.

Enquanto eles comiam a fruta *nai*, Kéyakëya arrancou a menina do seu recluso, matou-a e a devorou. Ele a comeu sozinho.

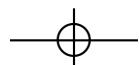
Fez lascas pequenas da carne das demais crianças, que também havia trucidado, para oferecer a todos seus companheiros. Amontoou as lascas de carne que ele colocou no seu grande cesto, chamado *yotema*. Carregou todos os restos das crianças massacradas e levou junto o irmão da menina menstruada, que estava vivo e bonito. Ele o fez sentar em cima dos cadáveres dentro do cesto.

O menino vivo, que ele levou, transformou-se em papagaio durante o percurso. Kéyakëya saiu do *xapono* dos Naiyawëteri e andava a passos largos, foi então que o menino, já de longe, disse:

— *Kuao! Kuao! Kuao!*

Esse som se tornou o som dos papagaios. Esses pássaros voam; ele pousou em um galho e assim ficou. Kéyakëya olhou para a beira do cesto, querendo ver se o menino ainda estava sentado. Fez o filho de Naiyawëse tornar papagaio. Como o menino não estava, ele retornou àquela direção. O menino se tornou a imagem do papagaio que grita: *Kuao! Kuao! Kuao!*

3. Segundo Lizot, uma balateira, *Manilkara bidentata*.



— Ouça! Meu xerimbabo! Onde você pousou? *Kuato, kuato, kuato!* — disse Kéyakëya voltando e correndo. — Em qual paragem você ficou? *Kuato, kuato, kuato!*

— *Öiyaaaa!* — disse o papagaio.

Assim disse aquele que, apesar de ser filho de gente, tornou-se papagaio.

É a história dos antepassados. Também existiam monstros com outros *xapono*, sendo essa a história de Kéyakëya e dos Yáimoropíwei, que moravam em *xapono* pouco distantes um do outro.

Depois, aparecerá o nome do rio que tirará e levará muitos ancestrais Yanomami. É somente depois da história dos Yanomami levados pelo rio que vem nossa história. Os Waika a contam de uma maneira diferente, eles a contam conforme seus antepassados lhes contaram.⁴

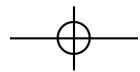
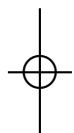
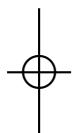
Os companheiros de Kéyakëya não sobreviveram, morreram todos pela fumaça. Eles os asfixiaram a todos, somente Kéyakëya sobreviveu, se transformando em espírito eterno. Esse sobrevivente alcançou o *xapono* dos espíritos, pois se tornou um deles, quando ainda eram Yanomami e moravam como nós. Ele os alcançou e ficou lá.

Não mora mais onde os asfixiaram. Somente restou o marco dele. Não pensem que os companheiros de Kéyakëya sobreviveram e se agruparam enquanto ele alcançava os espíritos!

Não houve sobreviventes do grupo dos Naïyawéteri. Acontecerá depois. Os sobreviventes eram os que afundaram, não os outros antepassados. As águas sobem devagar e os que afundam são os únicos sobreviventes.

Depois, os que tinham o mesmo nome que as montanhas também sobreviveram.

4. O par *waika/ xamatari* parece ter sido usado originalmente para designar outros grupos yanomami vivendo em região geográfica diversa de quem fala, os primeiros ao Norte e Oeste, e os segundos ao Sul, reconhecendo-se neles conjuntos de características que os particularizam. Os termos foram atribuídos em diferentes momentos pelos brancos para designar grupos específicos de forma estável e, no caso de *xamatari*, para designar a própria língua do tronco yanomami usada pelos Parahiteri que fizeram este livro.



Këyakëya

KAMA pë rë kuonowei koro ha mì amo ha, pë xi rë wã-rionowei, pë rii rë titionowei, yai tèni pë kái titioma. Këyakëya, Yanomamími makui, a périoma.

A rë yarénowehei. Kamiyë pëma kí no patapi pérío mao tèhë, tè pë rë pérío xomaonowei tè pë wâha xomaa. Ihí pata pë yahipí he tikë ha, pëixoki ha, yai tè titioma.

Këyakëya périami a wâha, yai tè makui. Ihini Yãimoropíweiteri pë kái périoma. Këyakëyaní pë kái rë titionowei, muhu hëremopí kuoma, opo pë hëremopí rë kurenaha Këyakëya yai tè hëremopí kuoma kutaeni, Motuxi pë pata xereremou piyékëmoma kutaeni, kama e pë kái rë périonowei, Motuxiwëteri pë kái titioma. Këyakëya ei pë wâha.

Wetini Këyakëya pë kái rë titiaíwei, weti naha pë wâha kuoma? Ihí Prâkiawëteri pëní Këyakëya a yarëmahe, a xéprremahe. Ihí pëní pëma kí ixou hiraíhe ha, Yãimoropíweiteri pëní Këyakëya a unokai yarëmahe. A xéprapehe, a yarëmahe, kamiyë pëma kí xéprayopë. A nianomihe.

Hapa niayou tè kuonomi. Pëma kí napëmayou, xéprai tè kuonomi. Napë pë makui, pë kái kuonomi. Pëma kí nohi patama waiterimou taonomi, huxuo kái taonomi, ihí pë xëremahe.

Këyakëya a xéprai puhioma makuhei, a xépranomihe. A hekura tokua he yatirayoma, kama a kuprou pëonomi. Hei kamiyë kureneha kuwë tè pë no xîro preaama, tè pë hititiwë nomarayoma.

Këyakëyaní weti tèepí noã prearema? Këyakëyaní pë tèë e napë rë itorayonowei, e napë rë harayonowei, weti naha pë híi e wâha kuoma? Naiyawëteri ihirupí, tèepí noã prearema.

Kama përiamí Naiyawëteri a yai kuoma. Suwë katehe a yai kuoma. Pë tēe e yai riëhëoma, kamyé kurenaha mai! Ihì suwë katehe yipi a ha ukëa he ha yatirëni, a noã prearema.

Ihì a përioma, Kéyakëya a rë përiowei, yai tē makui Kéyakëya a Yanomamí përioma. A titioma kutaeni, inaha tē tama yaro, yipi hena xëprai xi ha wärironi, kama e pë rë kui, e pë no ha preraruni, e pë ha yarérariheni, kama a rë kui a parimi hekura tokua xoarayoma. Ihì a hëa xoaa, hekura.

Kihì hikari a rë kurahari naha, nai a pehi pata tihetimamahe ha:
— *Àooo, àoooo, àooo!* — Naiyawëteri e pë kuma.

Nai a waihe têhë, a ukëa hearema. A xërapapë, a wapë. A warema. Yaminì a warema.

Nakaxi yâhi pë wai ha tanì, tanì, kama urihiteri pë haikama, pë topërarema. E yâhi kì ha oriheni. Pë ihirupi pë no maprai hearayoma yaro, hititiwë pë mi këa heararema, pë yehire hërima, kama yotema e hamì. Ihi e pë no payeri rë tapraiwei, pë titire hërima. Ihì pë tai makure, a rë përiaiwei, yaipì rë këprarihe, ihirupi e rë kui a yure hërima. Temì. A rë riëhei. E tikëmare hërima.

Ei a rë yurehe, kiha a kái kutou têhë, werehi e kuprarioma. Hëyëha a kái rë hare, a kái rë rahurahumoimati, kihi karexi si rë prarahari naha a kái kutou têhë:

— *Kuao, kuao, kuao!* — tē pë werehi rë kuuwei a no uhutipi kuprarioma, tē pë yëi ha piyei kuni heinaha e ha waroroikuni, e kasiki miprarema, Kéyakeyani, e tikea mii ha. Përiamí e ihirupi werehipramarema. A maa ha, e wâ kái yëa mi yapakema:

— Tärio, weti ha wa hore piyëkei kuhe? a wäti. Kuato, kuato, kuato! — e kui mi rërëa mi yapakema — Wetì ha a hëprario kuhe? Kuato, kuato, kuato!

— *Öiyaoooo!* — e kurayoma. Yanomamí ihirupi kuoma makui, e kua topramarema, inaha e kuma.

Inaha tē ã kua, pata tē rë kui, inaha tē pë kuaama. Ihì yai tēni pë kái përioma, ihì têhë ai tē pë rë përiowei, ihì tē ha, hei Kéyakëya a rë yarënowehei, Yâimoropiweiteri pë hirao he paoma.

Ihì ei rë pë rë kui, waiha pei rë u kë wâha rë taore hamì, pë rë pakakumare tē wâha kupropë. Ihì rë tē he tikë hamì, tē he

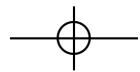
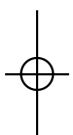
tikëatayoa, tē he tikëa kurati, komosi tē ã yai. Hei Waika pē rē kui, maa, kama e tē rii taihe. Kama pē no patapi wāha rii tao. Kamiyë pëma ki no patapini tē ã rē wëyënowehei ei tē ã rii. Tē rii ma rē yaitapraruhe. Ihi kama, ihi tē rii maxi hamí, īnaha tē kuoma, hapa tē pē rē périonowi.

Ihi Këyakëya urihi teri pē rē kuonowei tē maxi hamí pē rē kuonowei, Këyakëya urihiteri pē rē kui, ai e pē hëpronomi, kai wakë xini, pē xëpraremahe. Pē yarëprai haikirayomahe yaro, ai pē temi haimi, hei pē rē kui, Këyakëya kama a rē kui, a hekura ha parimipraruñi, a hëtarioma. A nomanomi. Ei a rē kui, hekura pē iha a waroopë, a hëprario kuhe, Këyakëya hekura. Yanomamí pē kuo tëhë, hei pëma ki rē kurenaha hekura pē périonoma. E warokemahe. Iha a kuopë.

Kama a rē yarënowehei ha a titia xoaami. Hekura yai tē pē iha a warokema. Pei uno kua hëa. Hei pē rē kui, hei pē rē hëpraruhe, hei pē rē kui, Këyakëya hëyëmi e kua rē xoarahai weti naha kuwë tē pē hiraopë ha, Këyakëya a warokema, pē puhi kuu mai! A warokema.

Naiyawëteri pē rē hëre, hei pē hëtopë mai! Hei pē mixi rē tuore, pē xïro hëprario, ai tē pē no patama hëpronomi. Wäisipi, īsitoripi tē u wai rē ökimouwei, pē mixi rē tuowei pē rē kure, hei kë pë.

Ihi pē rē kui, te he tikë hamí ai pē rii, pei ma pē rē kui, ma pē wāha rē yehiponowehei, ihi pē kãi hëprarioma.



O surgimento das cobras

NESSA época também, as cobras não rastejavam como rastejam hoje, elas viviam como os Yanomami. Transformaram-se onde desceu o Sangue da Lua, na floresta. Lá, caíram as cobras que picam. Transformaram-se em cobras lá em cima, enquanto iam para uma festa. Hoje, quando vocês olham para o céu, vocês veem o peito daqueles que se transformaram em cobras. Não havia cobras, nem jiboias, nem surujus. Os porquês não existiam, nem os peixes. Nós comemos a carne de gente.

Eles se transformaram em cobra, não no *xapono*, mas nesta floresta mesmo. Foram chamados e foram lá, Wataperariwë e Jiboa, o irmão mais velho. Foram lá longe com as Cobras, mas se transformaram na floresta. Eles, então, não foram dançar.

Com a cabeça coberta de penas brancas, dessa mesma forma que nós nos pintamos, cada um pintou seu corpo com listras diferentes. As Cobras moravam na sua própria região, como gente. Transformaram-se quando foram convidadas a dançar. Elas antes viviam como gente.

Quem eram os dois *tuxauas*? O irmão mais velho e o irmão mais novo moravam com as Cobras. Os dois também foram dançar. Watawatariwë e Jiboa moravam com seu grupo, as Cobras. Jiboa era o irmão do meio. Watawatariwë era o caçula. Os dois irmãos mais velhos eram esses: Jiboa e Sururiju, que nasceu primeiro. Aqueles que se pintaram eram três, pois havia também Watawatariwë, o caçula, por isso nós nos pintaremos assim.

Os Parawari também viviam com eles. Por causa deles se metamorfosearam, porque os Parawari os levaram.

Todos eles moravam em frente à serra Wāyapoto, que ainda tem esse nome. Ocupavam essa região ao pé da serra na planície. Eram todos bonitos. É o nome da região onde moravam os antepassados. É o verdadeiro nome dessa região. As Cobras bebiam a água do rio Wāyapo, tomavam banho, se lavavam nesse rio bonito. Tomavam banho e bebiam água.

Eles nos ensinaram, assim, a dançar, mas, infelizmente, se metamorfosearam. Eles iriam dançar, mas, infelizmente, se transformaram. Iriam dançar. Transformaram-se em cobras imediatamente. Tornaram-se cobras. Não foram dançar no *xapono* de outros.

Em que *xapono* iam dançar? No *xapono* daqueles que se transformaram, que ainda existe na terra plana. Aqueles que se transformaram, apesar de se pintarem fora do *xapono*, sofreram a metamorfose, transformaram-se em cobras.

Os que convidaram as Cobras, como se chamavam esses antepassados? Eles gritavam enquanto cozinhavam o mingau de banana para os visitantes.

— Por que estão agindo assim? — perguntaram-se.

Pareciam gritar de propósito. Transformaram-se perto do *xapono* dos Jalouaca. Transformaram-se perto desse *xapono*. Transformaram-se. Os antepassados se chamavam assim, Jalouaca. Assim se chamava o líder. Eram espíritos, são nomes de espírito. Eram Yanomami e moravam como os Yanomami.

Apesar de morarem, assim como nós, após a metamorfose em cobra eles não voltaram à condição de seres comuns. Pintaram-se fora do *xapono* dos Jalouaca, pensando:

— Os Yanomami se pintarão assim!

E se pintaram com listras. Pintaram-se, na parte superior do braço, com cor de sangue preto, igual à cor de meu irmão mais novo, como a cor de seu braço. As cobras *maraxari* se pintaram assim; a cobra-coral também se pintou com manchas vermelhas.

O segundo grupo do *xapono* das Cobras se pintou em outro lugar, distante, para que aquelas do outro grupo, que se

achavam bonitas, se zangassem. Elas tomaram banho no rio Wataperari, cuja água era branca. Ficaram onde brilhava a luz. Assim era a luz do rio. Perto do *xapono* dos Jalouaca, havia o rio, o rio apareceu de repente.

Um pouco longe do *xapono*, as outras Cobras se pintavam juntas.

Pintaram-se. No segundo grupo havia uma mulher. Os bonitos desse grupo, eram muito bonitos, chegaram até as outras cobras. Chegaram também com eles dois Parawari bonitos, todos eram muito bonitos. Chegaram. A beleza de suas pinturas incomodou os outros, que ficaram com inveja. Chegaram, enquanto os outros se pintavam com riscas. Aquele, cujo nome eu dei, apareceu no meio deles, Sucuriju. Ele, o irmão mais velho, estava ao final dos que chegavam, aquele que tem grandes desenhos.

— *Hihí! Wisa! Wisa!* — assobiaram.

Os do primeiro grupo, ainda se pintando, viraram a cabeça para olhar em direção das cobras bonitas chegando, e disseram, felizes:

— Acabei de me pintar desse jeito!

Apesar de não terem dentes como os dos Yanomami, depois de se transformarem em cobras, depois da metamorfose, os dentes saíram. No início, não havia cobra, aquelas que picam não andavam no chão, não havia cobra-surra, nem coral, nem cobra *maraxa*, nem cobra *huwémoxi*. Não havia nenhuma dessas cobras. Lá, onde os bonitos estavam se transformando em cobras, houve um barulho tão grande como o de um bando de queixadas, pois as cobras estavam surgindo. As jararacas, as surucucus, as cobras-papagaios e as cobras *waro* também surgiram. Invadiram toda a floresta. Assim foi.

Aqueles que haviam convidado as Cobras, os Jalouaca, por causa dos quais aconteceu a transformação, subiram também ao céu no lugar da transformação. Os bonitos estavam suspensos. *Torurururu!* E trovejou. — *Prohu!* — Chegaram lá. Não estão aqui, nessa terra, pois andam lá. Queriam viver saudáveis, então estão lá, saudáveis. Não ficam em baixo. Ficaram em cima.

Quando as Cobras subiram, o que aconteceu com os amigos delas, os Jalouacas? Transformaram-se também em cobra.

Então, os líderes do primeiro grupo, que se transformaram também em cobras, ficaram na terra.

Të pë rë oruprariowei

O RU pë kái hunomi, oru Yanomami kurenaha pë kái përioma, pë kái kuoma. Ihí, kihamí, Përipo íyé rë itorati hamí, urihi hamí, kiha pë xi wãrihotayoma. Ihá pë oru rë kerayonowei, të pë si wéyéihe, oru pënì. Heaka hamí, pë xi rii wãrihiprarityoma. Pë praiai mì ha hurini, pë xi rë wãrihownei, hei wama paríki mií. Oru pë hunomi, hetu pë hunomi, wãikoya pë kái kuonomi, yahetipa pë kái kuonomi, yuri pë kái kuonomi, Yanomami wama të pë yáhi kí wai.

Urihi ha pë ha nakareheni, pë huí ha kuikutuni, Wataperiawé, Heturiwé pata xo Oruri pë kái hupií ha kuikutuni, urihi ha pë xi wãrihomá, pë praií kateheonomi.

Pei të pë horoimo pë ha, të pë ma rë yãmouwei, pei të pë pata yáprutaai yaitaama, Oruri pë ha oraora ya të wáha takema, korokoro pë wáha kuami, pë xi rë wãrihonowei. Ihí Oruri pë rë kui, kama pë urihipí ha, Yanomami kurenaha kamyé pëma kí rë kurenaha pë përioma, pë xi wãrihiprarioma. Pë xi wãrihopé makui, pë praií mì ayoma, pë ha xoreheni, Yanomami pë përio parioma.

Ihi exi e të përiamí kipioma? Pata, pë oxe. Oruri pë kái rë përipionowei. Ihí pë kái praií mì kái rë hurayonowei, Watawatariwéni pë kái përioma, Oruri, Heturiwé xo. Heturiwé pata e wáha yai, pëixokí hamí ke e. Pata inaha e kí kupia hei, pë xíro. Wãikoyariwé pei a haa xomarayoma. Inaha pë kua. Ai, ai, ai pë kuoma. Wãikoyariwé e kái kua, kama pë rë onimonowei, kamyé pëma kí onimopé. Wãikoyariwé, Hetu, Watawatariwé oxe e wáha, suhe u haikatimi.

Parawari pënì pë kái hiraomahe, Parawari pë xo pë hiraoma, ihí pënì pë rurure hérímahe yaro, Oruri pë xi wãrihamapehe, katehe kama pë xíro hirao yaritaoma.

Wāyapoto a parikī ha pē hiraoma, īhi Wāyapoto a parikī ha pē pēriā xoaa. Ihi e wāha kua xoahe. Yari ha, īhi ki tēhē pē pērioma, a urihi pomahe, kama pē urihipi wāha. Pata pē rē pērianowei, tē wāha urihi yai. Oruri pēni u rē koanowehei, Wāyapo u koamahe. Ihi u yaruamahe. Wāyapo katehe u yaruamahe. Pē rē yārimonowei, u rē koanowehei.

Kamiyē pēma ki praiipē, īhi tē rē hiranowehei, īhi pēni tē praii hirapehe, pē hurayoma makui, pē yaitaa i tikooma. Pē xi wārihou tikoopē makui, pē hurayo hērima. Pē praii mi ayo hērima. Kama pē oruriprou xoarayoma. Pē oruriprarioma. Ihi ai tē pē iha pē praii mi hunomi.

Weti pē iha pē praiipē pē hurayoma? Ihi pē xi rē wārihownwei yari ha, xapono pata a praa xoaa, yariyari tē ha.

Oruri pē rē xoanowehei, pē pata rē hiraonowei īhi weti naha pē wāha kuoma? Ihi pei pē xi yai rē wārihonowei, sipo ha pē yāmou makure, pē no rē Oruri preaanowei, pē rē oruriprario-nowei. Pē rē yaitaanowei. Tē ki ā si pata ma hipikitapiyei, pē kuratapī u hariihe ha, tē ki ā si pata ma potehetapiyei makui:

— Wetinaha pē pata kuaai tikoakupiyei?

Pē nohi kuaama. Ixarowēteri pē iha, pē xaponopi ha pē xi wārihoma. Ixaropiwēteri pē pērioma. Pē xi wārihoma. Pata pē rē kui, īnaha pē wāha kupramoma, Ixarowēteri. Ihi pēriamī a rē kui īnaha rē a wāha kuoma. Hekura pē pērioma, hekura pē wāha. Yanomamī rē pē kuoma. Yanomamī kurenaha pē pērioma.

Hei kurenaha pē pērioma makui, pē poreriprou kōonomi. Ixarowēteri īhi oruri pē xi rē wārihamanowehei pē wāha. Ihi pē xaponopi sipo ha, pē ha yāmorini:

— īnaha pē kuaai hēopē tao!

Pē puhi ha kuni, pē tiprutaama. Oxeyē kihi īxi kurenaha, wakē pokō ki hīia rē kurenaha, hei ora īxi hīia rē kurenaha, hei koro īxi rē kurenaha, pē yāmou kuaama. Maraxari pē kuaama, huwē moxi pē kuaama, hei kurenaha pē wakē rukēkoma, yamixano.

Katehe tē rē huxutamarenowei pei pē yāmou hēoma. Ihi kama Wataperari kama u ha, pē yārimou hēkema, u wai au, tē u

xii wai praapraamopë ha, pë hëkema. Heinaha u xii kuoma. Ihi Ixarowëteri pë xaponopi ahete ha, e u kuoma, e u pëtariomahe.

Hei kamiyë pëma kì rë titipiyei hiramorewë nahi ha, kihi Oruri pë yâmou, ìnaha pë hirao kuoma.

Pë yâmoma, katehe kipì yai rë kui, pë pëtarioma, ìnaha pë pëtou kurayoma, hei, suwë mahu a, hei Parawari katehe kipì. Inaha kama pë xîro kuoma. Katehe pë yai rë kui. Ihi pë rë huxutore, pë mia kâi no rë preaare, pë mi tikëtikëpraroma e pëtariomahe. Ihi hapa ya wâha rë yuprarihe e pariomah. Noha hamî Wâikoya-riwë e kuoma. Hititi, pata e nohapi aimama, pë oni pata rë prei.

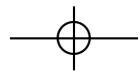
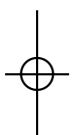
— *Hî! Wîsa! Wîsa!* Pë husi he ã pë mamo xatipraamapehe.

— Hei, ìnaha ipa ya tê taawaikike kuhe! — pë kui topraroma.

Yanomamî kurenaha pë naki kuonomi makui, pë ha oruripraruñi, iha pë xi ha wârihipraruñi, pë naki hararioma. Hapa oru a kâi hunomi, wa si rë wëaiwehei tê kâi pronomi, Wâyapotorema pë kâi kuonomi, miomaakahe pë kâi kuonomi, maraxa pë kâi kuonomi, huwë moxi pë kâi kuonomi, kuonomi. Iha pë xi rë wârihore, ihi pë xi rë wârihorati ha, katehe pë xi wârihopë ha, hawë warë kì pata hôra kuprarioma. Oru pë kuprou yaro. Karihirma, përeima, arawaomi, waro pë kâi pata kurarioma. Iha pë rë kuaare iha hei a urihî rë kui, a haikiremahe. Ìnaha pë kuprarioma.

Pë xi rë wârihamarahei, iharë, kama pë xi rë wârihiprore ha, pë heakaprario hërima. Heaka hamî kama pë kurayoma. Kama katehe pë rë kui, pë pehi sutihiprou yaro *Torururururu!* Yâru e kurayomahe. *Prohu!* Kihami pë kuketayoma. Hëyëmi pita ha pë kuami. Kihami pë hui. Katehe pë yai përio puhiopë yaro, katehe pë kua kurati. Pë pepiami. Pë heakaketayoma.

Ìnaha pë ha kupraruni, ihi ìnaha pë ha kupraruni, weti naha norimi e pë rii kuaama? Ìnaha e pë riikuprou mi heturayomahe.



A Onça e a Centopeia

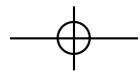
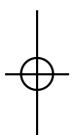
NESSA época as onças não comiam gente, não andavam, não existiam. Não havia onça na floresta. Daí essa história. Não andava onça por aí para nos matar e nos comer. *Hu, Hu! Hu!* A onça não dizia isso.

Quem encontrou a primeira onça? Sozinha, ela sofria de fome, sequinha, sua barriga gritava de fome, pois ela não tinha dente. Onça tinha apenas gengivas, ela não mastigava, ela andava magra no meio dessa região do Xererei, ela andava sozinha, andarilha, faminta. Como ela não comia quase nada, ela chorava. Ela chorava por fome de carne.

Quem a encontrou? Onça chegou onde estava Centopeia, onde morava sozinha como gente; Onça chegou à casa de Centopeia. Ela apareceu, elas se encontraram, ela ia de encontro. Com fome, andava como se fosse cego, sem olhos, sofria mesmo, fazia muito barulho, tropeçava de fome.

É uma centopeia! Vocês conhecem esse nome? Era gente, aquela que anda sem fazer barulho. *Krihi!* Ninguém mais faz esse barulho, andando em cima de um pau. Foi ela quem ensinou primeiro.

Ela emprestou seus pés para Onça não fazer mais barulho; ela o ensinou a andar discretamente. Depois do ensinamento de Centopeia, Onça andou, ela foi lá, chegou à terra plana e desceu.



†ra xo, wapororitawë xo ki he haapit

Ihi tēhë, kamyé ira péní pëma ki wai maopehe, ihi a kái hunomi. Ira a hunomi, a kuonomi. Të urihi no irapionomi. Te he tikëa. Kamyé pëma ki ha xéprarini, pëma ki rë waiwei, ira a hunomi. *Hu, hu, hu!* Ira a kái kunomi.

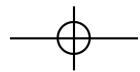
A hapa he rë harenowei, wetini a he harema? Yami ohi péní a resi no preaama. Xi ki pë köririwë no preaama. Naki kuami yaro, Ira. Tukutuku tē naki pehito kua yaro, tē pë kái waxikanomi, maromaro ihi rë tē urihi ha, ihi Xererei a urihi mi amo ha, ira yami a huma. Ohiri hurewë. Ai tē wai waimi yaro, erékewë, a ikima. Ira a naikiri ikima.

Wetini a he harema? Wapororitawë a kuopë ha, ira a warokema, Yanomami ai a rii përiopë ha, yami, Wapororitawë ihaIrariwë e warokema. A pëtarioma, a mi pamarema. A ohiri rë katitore hamí. Ihi hawë hupépi, hawë mamo ki maa hapa a hõra no preaaí kuaama, a kraikraipraotima, a rë yutuhouwei ohiri.

Waporomi kë ki! Ihi wama tē pë wâha yuai? Kutaení ihi Yanomami a kuoma, Yanomami tē pë mamiki hõra wai hirio ma rë mai! Krihi! Të kái kuimi, a imii makure kiha. Ihini a hiraa parikema. A hui hirakema.

E mamiki mahikema, ira a kramou maopë.

Ihi a ha hirakini, a ha ukuuuuhaparuni, a ha yariiiiihi taparuni, timi paruni.



A Onça e o Tatu

E um tatu! Dizemos assim. Tatu estava andando. Yanomami, Tatu, tatu. Hoje, a onça mata e come tatu. Hoje, os dentes do tatu ficam na boca da onça. A onça tem dentes de tatu.

Àquela época, os dentes de Tatu saiam da boca, apesar de ele ter boca pequena. Ele comia coisas grandes. Onça vai tomar emprestados os dentes de Tatu, por isso, ele hoje tem dentes pequenos. Primeiro, Tatu emprestou os dentes a Onça e colocou seus dentes na boca de Onça, seus próprios dentes.

A onça nos comerá. Ela não vai me comer!? Não tenham dúvidas!

Onça e Tatu se encontraram, ela ia como gente. *Tëi! Tëi! Tëi! Krai! Krai! Xiri! Hïkrai! Xiri! Krou! Kopou! Poxo! Rae!* Os dois faziam o mesmo barulho. Tatu ficou parado, ela vinha em sua direção. Quando ela o viu, se aproximou. Tatu olhou para os dentes de Onça. Os dentes de Tatu saíram da boca. *Hïia!* Originalmente, Tatu tinha os dentes que a onça possui hoje.

— Irmão menor! Irmão menor! Com esses dentes, você come sem problema! — disse Onça.

— Como são seus dentes? Você não tem dentes como os meus?

— Não tenho! Por isso eu não mastigo quase nada. Eu sofro!

— Cadê? — Quando Tatu perguntou, Onça abriu a boca.

— *Hïii!* Como você vai comer? Quer experimentar os meus?

Arranque os seus!

Os dois conversavam. Os dentes finos de Onça pareciam frouxos e finos como agulhas na boca de Tatu.

— Arrancou! Arrancou! Arrancou! Pronto!

Os últimos dentes do fundo ficaram grudados, Onça deu os dentes para Tatu. Os dentes de Tatu se tornaram pequenos.

— Arrancou! Arrancou! Arrancou! — disse Tatu.
Os dentes do fundo.
— Arrancou! Arrancou! Arrancou!
Para colocar os dentes, Onça abriu grande a boca.
— *Kriti! Kriti!* — Agora você não passará mais fome. Agora
pode logo comer coisas grandes! Você matará animais, você
matará anta! — Tatu disse.
Por isso, Onça ficou feliz. Ela o abraçou.
— Você mastigará ossos e engolirá ossos mastigados. — Tatu
disse a Onça.
Imediatamente, Tatu passou a comer somente minhocas;
para comer minhocas, ele cavava a terra. Ele comerá com esses
dentes, eles comem assim.
Será que vai conseguir quebrar os ossos pequenos? Normal-
mente, não se quebram coisas grandes, mas Onça conseguirá
quebrar coisas grandes. Foi assim.

†ra xo, opo xo kí he haapíi

O PO KË A! Pëma kí kui. Oporiwë a huma. Yanomami, Oporiwë, opo.

Kamani a ha xëprani, a wapë makui, íhi opo, íhi naki ira iha naki kua.

Íhi hei opo e naki pata rei pramoma, kahiki ihirupi makui. A ihirupio têhë, pata tê pë wama. Íhi oponi ira naki rë kui opo íha e naki mahikema. Naki ma rë oxei. Íhi ira naki mahipou, oponiira naki tikema, kama naki.

Kamiyé pëma kí wapë, irani. Ware a waimi! Pë puhi kuu mai!

A mi hetua piyërema, opo. Yanomami kurenaha e huimama. *Tëi! Tëi! Krai! Krai! Xiri! Híkrai! Xiri! Krou! Kopou! Poxo! Rae!* Ira e kua mi heturayoma. Íhi Oporiwë e rë kui, e yanikitarioma, a katitoimai ha, a ha tararini, e u kua katitikema. Ira naki mima. Opo e naki pata reipramoma. *Híia!* Opo naki hamí, ira naki. Irani naki rë tapore.

— Oxei! Oxei! Mihi kahë wa naki rë kuini, wa iai ha ayaowei — ira e kuma.

— Wetí na ha kë wa naki kuwë? Hei ya naki rë kupenaha wa naki mata kupowë!

— Kuami! Kuwë yaro, ya tê pë wai wäxikipräi ha maoni, ya no preaai!

— Wetí hamí kë? — a kui ha, ira kahiki pata reretarioma.

— *Híi,* wa tê iai ayao ta yaitakë! — e ha kuni — Pei! Ipa wa tê kí wapai puhio? Mihi éhë téki ta ukérari!

Kí noã tapiyoma. Hawë proreprore íhi ira kama naki wai rë ihirupi tê kí wai rë kui, hawë unamo tê pë wai rë xororoi:

— Ukë! Ukë! A ñaharë!

Hei manakoro ha tê kí wai xatipio tahiopë, íhi ira e naki hipékema, opo iha naki oxeprarioma. Kamani:

— Ukë! Ukë! Ukë! Ukë!

Manakoro tē kī pata.

— Ukë! Ukë! Ukë!

Kamanī naki rē tiaiwei, ira e kahiki pata reretaoma.

— *Kriti!, Kriti!* Pei kuikē wa ohii mai kē tē! Ihī hei kuikē rē wa pata iaī xoao. Yaro wa kāi xēprapē, xama wa xēprapē — a noā tama.

Kuwē yaro e puhi topraroma. A hēkato hāore hērima.

— Wa tē ū pē wai ha waxikani, wa tē pē wai waxikano suhapē — e kuma.

Kama oponī horema e xi pē xīro wai xoaoma, kama opo a rē kui, horema xi pē wai ha, a titētitēmou xoakema. Ihī nakini a iapē, pē ma rē iaīwei.

Ihī ihirupi rē tē ū wahatoapē? Hī! Inaha kuwē tē pē pata wahatomamou ma mai, tē ū pata wahatoprai he yatiopē. Inaha a tama.

A multiplicação das onças

Em seguida, segue a história daquele que fez as onças se multiplicarem. Ele foi à direção certa. Existe nos buracos de pau. Onde havia buraco de pau, outro tipo de onça existia, a onça *irahena*.

Não foi obra de ninguém! Eles tinham um *xapono* como este. Era o mesmo nome daquele que a tirou do buraco. Aquele que tirou a onça *irahena*, onça parecida com jia, depois de tirá-la, ele se alegrou com a pele pintada; depois de ele arrancar as folhas, as onças habitaram toda a floresta.

Ele chegou ao *xapono*. Havia um queimado. Nesse lugar, a roça estava próxima. Ele plantou as jias no lugar queimado. Ele plantou. Apesar de ser jia, ela não apodreceu, pois era onça. Onde ele plantou um pouquinho, ao final do dia, quando a floresta escureceu, da mesma forma que os capins têm flores, essa flor de onça também desabrochou.

A onça grande começou a surgir. Onde caíram as sementes, as onças se levantaram. Os Kaxanawéteri moravam no centro dessa região. São aqueles que plantaram a onça *irahena*.

Surgiram as onças-suçuanas, as onças-suçuanas-vermelhas, as grandes onças e as onças-pretas. As onças exterminaram os habitantes do *xapono* onde haviam plantado as onças, e cujo nome eu dei. Ninguém sobreviveu.

Elas são famintas de carne, e não foi só uma que andou. Logo comeram os habitantes. Esses antepassados não tiveram descendentes, pois nenhum conseguiu fugir. Nenhum sobreviveu. Exterminaram todos. Nenhum. Não foi uma onça só. Em um dia, exterminaram todos. Comeram também aquele que tirou a onça. Ele morreu também.

Depois de exterminar todos, a onça continuou a surgir na terra dos *napē*, apesar de essa terra se estender bem ao sul. Não foi obra de ninguém. As onças apareceram onde foi plantada a onça. Apesar de ser jia, a jia não apodreceu. Lá, a onça ficava dentro, a onça *irahena*.

O que segue é a história das onças que comeram muita gente.

Eles moravam perto da serra Yamaro e se chamavam Yamawöteri. Chamaram o *xapono* deles Yamaro. Apesar de eles não terem plantado urucuzeiros, havia muitos no meio, por isso se chamavam assim. É outro nome para urucuzeiro. As onças os comiam também nas regiões vizinhas.

Os vizinhos um pouco mais distantes eram os Sementes-de-Urucu. Eles bebiam a água do rio Ximono. A voz deles era fina.

Após o *xapono* deles, havia outro grupo. Eram os vizinhos. Todos tinham os cabelos vermelhos. Os cabelos deles era de um vermelho bem forte. Os vizinhos deles eram os Irana. Chamaram o rio, do qual bebiam a água, Irana; por isso se chamavam Irana. Assim faziam nossos ancestrais.

†ra pë rë pararoyonowei

IHARANI, hei tē rë kui hamí, ira pë rë pararoyonowei, a përioma. Ihi te he tikëa. Pë përioma. Ihi ya pë wâha tokumarema. Hei pë përioma. Hei pë rë kuini, a katitirayo hérima. Hii hi pëka ha tē pë ka ma rë kuprai. Inaha te hi ka kuopë ha, ira hena titioma.

Taprano mai tē ã. Hei kurenaha pë xapono kuoma. Pei a wâha yai. Pei hena yai rë ukärenowei. A wâha yaia. Ihi a wâha kohomowë. Hena pa xërema. Hena ha ukérëni, moka kurenaha, tē wai ha ukérëni, oni sipo wai oni, e ã topraroma. Të ha ukérëni, ira pëni urihi a haikipraphe.

A kôpema. Kihi naha īxino praa. Hikari a ahetea yaro. īxino tē ha, hei moka a keai kure. A kekema. Moka a kuoma makui, a kái tarenomi, ira a yaro. Të wai ha kekini, ihi mahu tē rë keare ha, motoka maprou têhë, tē urihi mi titihiprou têhë, hei porema hi pë rë kurenaha, porema hi pë hemoxi rë kurenaha, ira e hemoxi kuaama.

Poroporo pë pata kupro hérípë. Ihi hei tē pë hemoxi pata rë prerëre hamí, ira pë pata hokëko hérima. Kama pë yahipi rë mi amoonowei ihi pë wâha Kaxanawëteri kuoma. Ihi pë yaini ira hena kekemahe.

Ira ketihenarimi, wakëwërimi, poroporokohe pë, hükumari si pë, tē pë pata kuprarioma. Ihi ei ya pë yahipi wâha rë yu-prarihe, iha a rë keare ha, irani pë haikirarema. Ai pë hépronomi.

Pë naiki yaro, mori mahu tē rë hure ha. Ihi teri pë waa xoaremahe. Iha ai tē no hekama rë héprouwei, patama tē pë kái tokunomi. Të pë hépronomi. Pë haikiaremahe. Mori mahu tē rë hare. Ihi mahu tē mi haru ha tē pë haikia xoaremahe. Kamani a rë ukärenowei, a kái warema. No payeri taprarema.

Ihi tē pē ha haikiraheni, ihi tēhē, hena rē kekihe tēhē, ira pēni napē a urihi makui, napēpē urihipi hamī koro hamī makui, ira a kuprario hērima. Taprano pē mai! Keano pē hamī ira pē kuprarioma. Moka a makui, moka a kāi wārimonomi. Ihi ira a titioma. Ira hena.

Omawē pē kuprarioma, yai tē pē. Omawē pē wāha kekema. Omawē yai hena paxērema. Inaha tē pē kuaama. Ya tē pē rē hīrinowei, ya tē ā tai. Ya toa hērima. Ihi tē waikiwē. Hiriano, wēyēno, pata tē pēni wamare kī noā tamahe. Ya prao tēhē, ya ha praoni, ya tē hīrima. Inaha tē kuwē.

Ihi te he tikē hamī, pē pruka wai he rē tikēkonowei, ihi tē kāi tikēa.

Ira henani pē pruka rē wanowei, pē wāha. Yamaro kī ha tē pē rē pērionowei, kama pē wāha Yamarowēteri kuoma. Xapono e rē kuonowehei Yamaro awāha yupomahe. Nara pruka xi hi pē keanomi makui, ihi tē xihi pē pata mi amo ha pē kua yaro, pē wāha kuoma. Nara xi hi pē wāha Yamaro kua. Ihi pē pruka wama. Iha pē wai he tikēkoma.

Ihi te he ūsitoripē tikēre ha, pē pruka yahipē he rē tikēkēmonowei, Ximonowēteri pē hiraoma. Ximonowēteri pē rē hiraonowei, kama Ximono u koamahe. Pē kahi ā kāi preonomi.

Ximonowēteri pē yahipē he tikēo ha, ai a yahi pērioma. Inaha tē pē henaki wakē kōre kumou xīrooma. Hei pēma kī henaki rē kurenaha, pē henaki kuoma? Pē henaki wakē kōremoma. Ihi ei Ximonowēteri pē yahipē he tikē ha, kama Iranawēteri pē yahipē he tikēoma, Iranawēteri. Kutaenī kama pēni u rē koanowehei, Iranu u wāha yuamahe. Inaha no patama tē pē kuaama.

Minhocão

A HISTÓRIA das minhocas. Quando a floresta existia, mesmo que a terra existia:

— Vou cavar minhocas! — ninguém dizia isso.

Não existia minhoca e, como as minhocas não saíam, ninguém saía, ninguém pescava depois de tirar minhocas. Era assim. Nós não as deixaremos cair na água, quando estamos com fome, nós cavamos onde há minhocas, nós as tiramos, muitas surgirão; para que nós fizéssemos assim, ele morou com a menina. Lá onde surgiu aquela mulher, a filha de Pokoraritawë ensinará as Yanomami a não gostar do marido; às vezes elas não gostam dos maridos. Ensinando-nos, a filha de Pokoraritawë se zangava demais, pois estava com medo, não queria seu marido. Apesar de ele ser muito bonito, a mulher não o queria, a filha de Pokoraritawë fez as minhocas surgirem. A mulher chegou lá com os dois Minhocões, que comiam o esperma deles mesmos. Aquele que ela desposou, apesar de ser bonito, foi embora caçar, até que afinal a mãe falou com a filha:

— Filhinha querida, teu marido foi de novo! Vai atrás dele!
Vai! — ela disse.

Ela foi bem devagarzinho atrás dele.

Ele foi, soprou veneno em cuxiús, matou; ele era muito bom caçador, Paricá. Ela não gostava dele, de Paricá, era o nome do genro de Pokoraritawë. Minhocão fez os filhotes se multiplicarem com a esposa de Paricá. Quando seu marido passou, os dois chegaram aonde Paricá estava. Ele estava longe, adiante, quando a mulher passou perto dos dois Minhocões, o mais velho e o mais novo.

Os dois moravam na terra plana e viviam na condição de Yano-mami, pois não existiam minhocas à época. Os pais das minhocas moravam lá, no início. Eles farão os filhos se multiplicarem. Passando nesse caminho, lá em baixo, bem longe, Paricá matava cuxiú. As frutas de Minhocão estavam grudadas. Naquele caminho, as frutas eram numerosas, para atrair a mulher. Toso, toso, toso, toso! Faziam os restos. *Hōti, hōti, hōti!* Faziam assim também.

Os dois eram muito bonitos, os pais das minhocas: tinham a testa enfeitada de rabo de cuxiú, guardando a testa, o rosto dos dois era enfeitado e bonito. Assim era o rosto dos dois. Os dois Minhocões tinham barba bonita, para parecer o rosto de Paricá e enganar a mulher. Ela olhou:

— *Krai! Rae!* — disseram assim.

Os dois eram esbranquiçados:

— *Hii!* Olhe! Olhe! É você? — disse a mulher bem bonita, com seios bonitos.

— Ô! De quem é essa voz?

Como tinha uma clareira, a mulher ficou em pé no limpo.

— Não pergunte quem sou! Sou eu! Você! É você mesmo!

— disse a mulher.

— Não, não sou aquele que você pensa, eu sou outro!

— É você, é seu rosto mesmo, assim que é o seu rosto!

Ele pronunciou seu nome:

— Eu sou mesmo o Minhocão!

— Não, você não é outro, é você!

Enquanto ela insistiu em dizer isso, os dois Minhocões logo contaram a ela quem eram.

Um deles olhou e disse:

— Se você diz assim, tire essa folha nova de arumã, aí, aquela folha enrolada, você a arranca e a desenrola, e você senta em cima, sente-se em cima. Coloca sua bunda em cima — disseram os dois, de um jeito cantado.

Rindo, ela correu para arrancar a folha. Pensando que era Paricá, pois tinha o mesmo rosto, quando ele disse isso, ela arrancou a folha. Depois de arrancá-la e desenrolá-la em um lugar

bonito da clareira, onde não havia nada, ela se sentou em cima, onde estava limpo. Os dois desceram, os dois desceram rapidamente e copularam com ela uma vez, não várias vezes, somente uma vez. Apesar de copular com ela somente uma vez cada um, os dois copulavam enquanto o marido estava matando todos os cuxiús, pois era muito bom caçador, acumulando as presas.

Ela não o alcançou, andava devagar.

Depois de ter copulado, não foi nos dias seguintes, mas no mesmo dia, apareceu a barriga que, apesar de uma vez só, já estava crescendo.

— Vai! Vai logo! — disseram os dois Minhocões, que voltaram para a morada deles.

O ventre daquela que estava andando sozinha crescia e crescia.

— Vai lá, onde teu marido está matando os cuxiús, ouça os gritos! — disse o Minhocão.

— *Hôhaaa!* — ela ficou pensando.

Depois de falar isso, ela foi bem devagar à direção onde estava seu marido. Indo lá, o ventre sempre crescia, porque não havia só um filho. Apesar de serem pequenos, eles estavam acabando com a carne dela. Ela ficou em pé, enquanto Paricá estava amarrando os cuxiús, ela ficou em pé lá longe.

Ele estava voltando. Ele havia matado todos os cuxiús e estava voltando, depois de carregá-los, ele estava voltando. Quando voltava, ele viu o ventre dela enorme de gravidez.

— Nunca mexi nessa mulher, e tem filho nesse ventre! — ele pensou.

Ele simplesmente pensou. Ele nunca tinha copulado com ela, pois ela não gostava dele. Ele passou, voltando. Ela voltou sozinha. Ela estava voltando rindo. Ela estava voltando atrás, sua barriga cresceu rapidamente. Ela voltava com esse ventre enorme.

Depois de um dia, o ventre dela estava gigantesco. Ele olhou atrás e viu a mulher com a barriga enorme.

— *Hôâaa!* É barriga com criança — ele pensou, e continuou andando.

— *Hii!* Será que eu já a sujei?

Xiri! Anoiteceu muito rápido. A noite caiu depressa. O ventre estava cheio. Olha só o suporte dos bichos. Não havia só um! O ventre estava se mexendo.

— Óa, óa, óa! — diziam, lá dentro.

A mulher sofria, sofria passando mal, sofria por causa do que acontecia dentro dela. Doía muito o ventre dela. O marido dela estava deitado na sua rede, sem olhar para ela, enquanto o ventre dela doía, pois doía muito, acariciando sua barba e, enquanto a noite logo ficou densa e grossa, as minhocas saíram.

Weo! Weo! A placenta se derramava como se fosse água, e saíam filhotes de Minhoca:

— Ūa! Ūa! Ūa! — já faziam assim.

Como parecia voz de criança, ele olhou para as crianças no chão, apesar de estar deitado na rede, ele olhou. Não havia criança. Ele olhou de soslaio. Não dava para ver. Embaixo dele:

— Ūa, ūa, ūa, ūa! — faziam sem parar.

Eles nasciam, nasciam, nasciam, nasciam, nasciam, nasciam, nasciam.

Hii! Havia tantos montes de minhoca que o fundo da casa sumiu, a vagina dela estava cheia de minhocas. Depois do trabalho de parto, ela olhou; ela fez assim. Eles choravam como crianças, chorando de sede já, eles demonstravam sede:

— Sede! Sede! — diziam, com uma voz de criança. — Estou com sede! — diziam rapidamente.

— A criança cresceu tão rápido! — ela pensou assim.

Como estavam sempre com sede, ela deu o seio.

— Tusu! Suku! Tusu! Suku! — faziam assim enquanto mamavam. Ela fez assim. Como as minhocas faziam isso, ele ficou esperto. Ele entendeu:

— Hii! — ele pensou.

A mãe dela chegou correndo. Apesar de olhar, ela não as viu imediatamente. Apesar de escutar o choro de criança, ela olhou e voltou a deitar.

Deitada, a mãe das minhocas as cobriu, cobriu, cobriu, cobriu, cobriu. Amanheceu. Como a filha estava indo de manhã cedo, ela falou para sua mãe, enquanto o marido estava ali pensativo.

— Mãe! Não descubra o que eu cobri no fundo da casa. Não fique olhando o fundo da minha casa!

Havia tantas minhocas! Elas se embolavam, zoando, porque estava cheio.

— Não olhe o fundo da minha casa. Não descubra o que eu cobri! — ela disse, e saiu.

Xiriririri! E sumiu. Enquanto isso, a mãe levantou da rede.

— Por quê? Onde está essa criança, que deveria estar no colo, recém-nascida? Vai chorar muito, assim! — ela pensou, e correu até a casa.

Ela foi logo. Ela correu e descobriu o que estava onde a filha morava, aquelas minhocas, todas mexiam a cabeça ao mesmo tempo.

— *Xiririririri!* Sede! Sede! Sede! Avó! Sede! — eles a chamavam de avó. — Avó! Sede! Avó! Sede! Avó! Sede! — todos diziam.

— *Hãaaaaë!* — ela gritou logo. — *Hãaaaaë!* Só você para fazer surgir aquilo! Por isso! Você não trata bem seu marido! É por causa desses bichos estranhos que você não conseguiu dormir! — ela disse. — Vai! Meu genro! Enquanto eles se mexem assim, derruba logo essa lenha, faz um fogo grande para ela! — disse a mãe.

Ela mandou queimar a filha viva! Depois de ela dizer isso, ele desceu da rede. Ele não demorou: derrubou aquele carapanã-uba.

Kraxi! Kraxi! Kraxi! Krao! Torou! Fazia lenha para cremá-la. Enquanto fazia lenha, ela voltou. Ela tinha ido tomar banho sem perceber, ela passou onde ele estava partindo a lenha. Ele virou as costas, onde ele estava fazendo lenha. Ele nem olhou. Ela se deitou, encolhida.

Pou! Pou! Pou! Ele amontoou muita lenha. *Pou! Pou!* Ele pegou brasas para acender o montão de lenha, ele fez aumentar o fogo. Como a lenha era seca, o fogo pegou logo.

Weee! Ele fez uma cerca, fez para ela. Depois, ele correu atrás dela. Ela nem se levantou, ele gritou para pegá-la, pois queria a cremar viva.

Weeeee! Ela estava deitada bem reta. Ela nem reagiu, ele correu a carregando em direção do fogo, e ela chorava:

— *Êaë! Êaë! Mãe! Pai!*

As pernas dela estavam balançando, dando impulso. Ele a jogou no meio do fogo.

Pou! Ele pegou outra lenha que estava no chão e amassou, amassou com força.

Êêêaaaëëë! Proto! O fogo queimou, enquanto cremava, a sogra dele correu em cima dos minhocões para queimar os feios. Ela correu para pegá-los. Ela já tinha colocado água em cima do fogo em uma panela de barro para cozinhá-los. Ela correu com uma vasilha de água quente em direção das minhocas cobertas. Ela jogou a palha de coruá que as cobria:

Weeeo! Os minhocões gritavam:

— *Õiii, õiii, õiii!*

— Avó! Couro encolhido! Couro encolhido! Couro encolhido! Couro encolhido! — diziam atordoados, chamando-se de pele encolhida.

— Avó! Couro encolhido! Avó! Couro encolhido! Avó! Couro encolhido! — diziam os pedaços, arrebentados.

Olha só os montões de pedaços! Os pedaços estavam correndo logo, e ocuparam toda a floresta, os minhocões. Ficaram ocupando a floresta, os arrebentados, correndo logo pra todas as beiras de rio, entraram depressa no fundo da terra.

Depois de acontecer isso: — São minhocões! — dizemos. Foi assim que aconteceu. Não existiam minhocas. Foi com ela que se multiplicaram. Nós as faremos cair na água para nós comermos peixes. A minhoca não apareceu do nada.

Foi depois de os dois Minhocões copularem com ela e multiplicarem seus filhotes, que foram embora com os pais. Os filhotes não moraram onde foram cremados, nem ficaram ali perto. Os dois foram logo. Assim foi. Desde que aconteceu, quando cai a chuva:

— *Tëi, tëi, tëi, tëi tëi!* — dizem seus pais, de onde estão.

Assim foi a história.

Horemariwë

Ai tē ã. Horema tē ã. Horema pē rē kui, urihi a kuo tēhë, heinaha xomi (pita) a kuprou tēhë, a kuo tēhë:

— Kiha horema ya kī tiäi! — ai tē pē kunomi.

Horema xi pē kāi kuonomi, horema kī ha harini, ai tē hu-nomi, ai tē kī wai ha tiereheni, yuri a kāi rēkai taonomihe, īnaha tē kuoma. Ihì pēma tē pē keamapë, kamiyë pēma kī ohii tēhë, tē pē kuopë ha, pēma tē pē ha tiëni, pēma tē pē pata ukapë, tē pē pata kupropë. Tēepi kāi pērikema. Ihì ihami a suwë rē pē-tore hamí, Pokoraritawë tēepi ihami Yanomami tē pē ipio hirai ha, tē pē ma rē ipiowei; ihì tē hirai ha kamiyë Yanomami pēma kī iha Pokoraritawë tēepi huxuo he parohooma, a kirii yaro, a puhi-nomi, a riëhëwë totihiwë makui, suwëni a puhi-nomi, Pokoraritawë tēepeni horema pē rarakema. Ihì Horemari-tawë kama kipí iha a suwë ha waroikuni, kama mouki kete waoma. A rē ponowei, katehe a makui, a rē ponowei, e hurayo hërima, yakumi ihì ihami pē niñ e ã hai heama:

— Xõe! Hëarohë a nohi hua kôrihe! A wai huto hërii! Huri hëri! — e kuma.

Opi e hua hërayo hërima. E ha hurini, wixa e kī horama, e kī niama, a nihiteo he parohoma, Yakuana a nihiteo he parohoma, ihì iha a ipioma, Yakuana iha, Pokoraritawë siohapi wâha, Yakuana hesiopi iha Horemari-tawëni ihirupi pē rarakema. Hëaropi e ha hayuikuni, e kipí nosi ha wetitaruni, a ha kuuuuupchoruni, a suwë hayuo ahetou tēhë.

Horemari kipí, pata, oxe, kipí rē pēripia yaritaawei ha, Yanomami kipí rē kuonowei, horema pē kuami yaro. Ihì hapa horema hiipi kipí pērioma. Ihi pē raraapë. Hei yo hayua, hei, e ha kuuuu katiiii tipokirini, Yakuanañi wixa kī niama. Kama

mouki tē pē pata yëtëpramoma. Hei yo ma rē kui, tē pē pata ximokorepramoma, suwë a rurupëapë. Toso, toso, toso, toso! Kì kanosi kupima. *Hōti, hōti, hōti!* E kupima.

Kipí riëhéo totihiomma, horema pē hiipi rē kui, kipí mohekí wëhuhuoma, hei wixa texina si pē rē kui, texina si yohopipoma. Kipí mohekí wëhuhupiwë totihitaoma. Inaha rē e kipí mohekí kupiomma, kipí kaweikí kāi totihitapiomma. Yakuana mohekí kurenaha, suwë a miramapipë, a mamo xatitarioma:

— *Krai! Rae!* — tē kutario ha.

Kipí pruxixiwë:

— *Hii!* Mipraa! Mipraa! Mipraa! Ihi kahë rē wa? — e kuí pëtarioma, suwë. E kupií pëtarioma, xëkékewë, suhe puu wai totihitaoma, no xi aihawë.

— Ō! Weti wâwâ ta tawë, weti pei wâwâ ta tawë?

Heinaha tē ka yakëa kua yaro suwë a wawëtowë upratarioma.

— Wetí mai! Kamiyë kë ya!

— Kahë rē wa, kahë rē wa nohi kui!

— Ma, kamiyë ihi ya tama! Kamiyë yaiwa ya rii.

— Ihi rē wa, ihi wa mohekí katitire! Inaha wa mohekí kuwë! — e kuma. A wârima.

A wâha yuprarioma:

— Kamiyë Horemari ya rii ta kui!

— Ma! Wa no yaipimi, ihi rē wa!

Inaha e kupií ka kuaai ha, e kipí ã hapii xoaoma.

E mamo xatitarioma.

— Inaha wa kuu kunoi, mihi umoromi henaki tuku rē tiririre, mihi hena rē hututre, wa hena kipí ha ukéréní, wa hena ha hapexeprarini, ihi hena ha wa rokei, wa rokei kë tao! Wa koro pakokekei kë tao — e kì kahiã kupima.

E ika wâ kâi rërëa nokakema. Hawë ihi a kuwë ha, ihi Yakuana mohekí kuopë na, mohekí kuo katitioma, a kuí ha, e hena kì ukërema, e hena kì ha ukëpirëni, hena kì mi ha hapexeprarini, heinaha tē totihitaopë ha, tē ka yakëopë ha, a koro pakokekema, tē tâhiopë ha. Kuaai têhë, e kì itopirayoma, a napë itopia haitarayoma, e kì rë itopire, na wapima, mahu,

hei ai na wai, na wai, na wai tē kupronomi, mahu! Aini mahu na waararei, aini mahu na waararei, inaha mahu makui. Hei na rē wapii hëre, kiha hëaropini wixa kī haikiai kē tēhë, a nihiteo he ha parohooni, kī weyoyamatii kē tēhë.

Iha e waroo mai!

E opisi huī hëo hërima, hei na rē wapiararihe ha, ai tē henaha e makasi kāi pëtonomi, mahu makui, ihiru makasi tirehetou waikirayoma, hei a rē waikare ha.

— Pei! Wa hurayou kē tao! — Kama kipi përiopë ha, kī kōpikema.

Hei a rē hui hëoimati hamī, ihiru makasi patai waikio hërima.

— Hëarohëni kiha wixa kī hōra rē niayahi ha, īhi ei rē e kī rāawa, īha wa e waroyei — e kuma.

— *Hōaaa!* — e puhi kui hëoma.

Ha kuni, opisi e katitiatarou hëo hërima. E rē katitore hamī, ihiru a makasi tirehou waikio hërima. Mahu tē kuami yaro. Pei tē pē ma oxei makui, yāhi kī haikiamā. E uprakema, wixa pē nanoka hāomai tēhë, e upraa hëwëpetayoma.

Kama a kōoimama, kī niaa waikirarema yaro, a kōoimama. Pē ha yehirēni, a kōoimama. Kōoimanī, suwē a makasi kareroma. Makasi kario tirewē waikiwē:

— Kihi rē ya pē napē kuaai taoma mai, kihi ihiru rē makasi ē! — a puhi kutarioma.

Kama a puhi kui pëoma. Kamanī na wanomi, e ipio yaro, a kōo e hayukema. Yami e kōo hëoimama. E ika wa teteo hëoimama. īhi pei noha hamī e kōo ha hëoimanī, e makasi pataa hairayoma. Patai hëoimama.

īhi mahu tē mī haru ha, makasi pata ihea hërima. A mī yapatou kōrayoma, suwē makasi pata kareroma.

— *Hōaaa!* Ihiru rē pesi! — a puhi kutario hërima

— *Hii!* Ya no kiriai tao ta yaitakë? — a ha kuni.

Xiri! īhi tēhë e tē mī titihiprou haitarayoma. Rope tē mī titihiprarioma. Ihiru tē makasi pata ihewë. Hei tē pē pesi pata hei! Mahu kē pē kua yaro! Mahu! Tē pē pesi pata upraupraprarama.

— Ōa, ōa, ōa! — tē pē pata kui huxomioma.

Suwē a no preaama, xi kirihiwē no preaama, huxomi xi kirihiwē no preaama. E tē pē pesi pata niniprarioma. Hēaropi e kutaoma. Ihī e hesikaki rē rērapohorohe, ihī tē pē ā pata ma pērao tēhē, tē makasi hōra niniai ha haitaikuni, kuaai ha, huxo huwētaoma, ihī tēhē tē mi titi supraa hērii tēhē, heēteprou hērii tēhē, tē pē pata keama.

Weo! Weo! Hawē mau u pata ripraama, ihī horemari pē ihirupi yono u pata.

— Ūa! Ūa! Ūa! — hapa e tē pata kurayoma.

Ihiru a yai kui makure, ihiru e riya praa ha mīni, e hesikaki ma rēre tē mīma, kuonomi. Mamo axēoma. Taproimi. Ha kama pepi hamī:

— Ūa! Ūa! Ūa! — tē pē pata kutima.

Tē pē pata keai, keai, keai, keai, keai, keai.

Hīti! Pei kē tē pē he pata poraraprawē xīka maprarioma, na ka no nihioma, a nohi kuaama. A ha kupraruni, tē pē mīma. Ihī tē pē pata ūaūapraroma:

— Amixi! — tē pē pata kui haitaoma. Pē amixi himou ha — Amixi! Amixi! — tē pē pata kuma.

— Ihiru a wā kāi, wai hōra pataa ropaharayou! — a kui no mihitaoma.

— Tusu! Suku! Tusu! Suku! — Pē amixi kōo ha, tē pē pata tamama. Inaha tē pē pata kui ha, a puhi moyawērayoma. No ihipirema.

— Hīti! — a puhi kutarioma.

Ihī tēhē pē nīi e kua yaro, pē nīi e rērēkema. Tē mīi makui, tē pē pata taprai haionomi. Ihiru rē a wā makure. Tē miakema, a pēria kōkema.

E ha pēriikuni, tē pē he pata yohoapotayoma. Yohoai, yohoai, yohoai, yohoai, tē mī harurayoma. Harika totihiwē e hui yaro, pē nīi iha e ā hama. Ihī hesikaki kuprao xoao tēhē:

— Nape! Hei pei ya xīka rē kui hamī tē pē he rē yohohore tē pē he karoai hei mai! Ware xīka mīi hei mai! — e ku hērima.

Horema pē kua yaro! Tē pē mī pata puruwē yaro. Tē pē pata xiririmoma.

— Nape, ware xīka miī mai! Hei tē pē he rē yohohore tē pē he karoai mai! — e kuma. E ku hērima. E harayo hērima.

Xiririri! E mato hērii tēhē, e kuī tēhē, pē niī e waheprarioma.

— Exi tē ha, exi tē ha ihiwu weti hamī a rē yakapore? Tē miā hore ma pēramapou — e puhi ha kuni, e rērēkema.

A rē rērēore, kama a kuopē hamī tē pē he pata rē yohoawei, tē pē he pata karoprarema, horema tē pē pata yai rē prei, īhi naxomi xīro, tē pē he pata kuakuaa nokararioma:

— *Xiririri!* Amixi! Amixi! Amixi! Yape! Amixi! — pē niī iha tē pē pata yesimoma — Yape! Amixi! Yape! Amixi! Yape! Amixi! — tē pē pata pruka kuma.

— *Hīaaaaä!* — a raria xoarayoma — *Hīaaaaä!* Inaha wa tē pē pata hore taamai ayao yaro wa tē ã hore no kirio ayao nosië! Inaha kē wa tē pē pata xami hore taamatii ayao yaro, wa tē ã hore yahooomi ayao no kuhaë! — e kuma. — Pei! Xōe! Inaha pē taamayou tēhē mihi wahë ãxo ha tuprakini, a wakē kata tapipa! — pē niī e kuma.

Pē niini a yaamai puhima. Temitemi! Kuī tēhē e wahetarioma. A no teteheo mai! Hatoa a rē upraawai.

Kraxi! Kraxi! Kraxi! Krao! Torou! tariki ta ma! Tariki tama. Tariki tai tēhē, e kōpema. Kihami a rē yarimou xomi arui, tariki poapē hamī e hayukema. E yaipe rētakema, kama tariki makui ha, e mamo kāi xationomi. E tasiki yoretakema.

Pou! Pou! Pou! E tē pē heru pata taketayoma. Kai wakē ha. *Pou! Pou! Pou!* wakē pata ukēa ha piyérēni, wakē paramama. Tē pata haxitiwē yaro, e wakē kāi pata waa haitakema, arana ki tapema, a pehi tapema. A pehi ha poxokopani, a napē rērēa xoakema:

Weeeee! E kāi hokēpronomi, napē īramorayoma, a temi yaai yaro.

Weeeee! E katipraoma. Weeeee! E kāi hukēonomi, kai wakē pata hamī e kāi rērēkei ha, e ēaēmorayoma:

— *Ēaë! Ēaë!* Napemi! Hapemi! — e kurayoma.

E matasiki yoayoamoma, e kaxëai ha. Ihì mi amo tē wakë pata yai ha:

Pou! A xëykema. Ai ãxo pata rë praawei ãxo pata ha hurihirëni, a patëtëpema. A hïkipema.

Ēēēaaaëëë! Proto! Kai wakëni, a ïxirayoma, a ïxii têhë, pë yesi e yékema. Wâriti tē pë pata yaprapë. E tē pë napë pata rërëa paxikema. Mau u pata tupoma, hapoka a ha, tē pë hete pata rë tuaiwei. Kai hesi ha e u kãi pata rërëkema. Të pë he pata rë yohoawei ha. Masiko ki pata maiprarema.

Weeeee! Të pë ã pata pëprarioma.

— *Öiii, öiii, öiii!* — tē pë pata kui pëprarioma.

— Yape si ãyiki, yape si ãyiki, yape si ãyiki, yape si ãyiki! — tē pë pata porepi kuma. Kama pë si pata ãyikiwë himou ha:

— Yape si ãyiki! Yape si ãyiki! Yape si ãyiki! — tē pë pata kuma, hemata.

Kihì kë tē pë pata hemorokowë yapuruprawë, iha tē pë hemata pata rë rërëoprou xoare, kihì a urihi rë kui, a haikiremahe, horema pëni. A urihi haikire hërimahe, ihì rë tē pë pata rë hëtitiraruhe, pata u kí rë kutarenaha, hei a pita huxomi hamì, tē pë pata rërëokema. Rërëo xoaokema. Inaha pë ha kuoikuni:

Horema kë pë! Pëma ki kui, inaha tē kuprarioma. Horema pë kuonomi. Ihì ihamì tē pë pata rarokema. Pëma tē pë keamapë, yuri pëma pë wapë, kama horema a xomi kupronomi.

A ihiro ha rarapikini, pë hii iha e kipi rë kupionowi, ki hupirayoma. Ki ihirupi yaprai aheteopë ha, kipi kupionomi, kipi përipionomi, ki ahetepionomi. Kipi hupia xoarayoma. Inaha tē kuprarioma. Të ha kupraruni:

— *Ti, ti, ti! ti, ti!* — maa a ha keni, ihì pë kupramopë hamì, pruka pë hii pë kui.

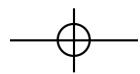
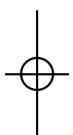
Inaha tē ã kutaoma.

O pássaro popomari

HÁ a história para nós, Yanomami; nos perdermos na mata, ensinou-se, ensinou-se a nos perdermos. Eles tinham uma grande roça, e assim faremos. Aprendemos a nos perder até na roça, de tão grande. Ela se estendia, apesar de ser roça, e aquele um se perdeu. Tem essa história, também. Foi assim.

Há os que existiram no início e que se transformaram, aqueles que existiram; a imagem daquele que gritou existe também na terra dos *napë*. Ele se perdeu, aquele que se perdeu lá, o eco da sua voz voou em todas as partes. Ele gritou, o pássaro *popomari* fez ele se perder. Ela habitou toda a floresta, a voz: *Po! Po! Po! Po! Po!* daquele *popomari*, Popomaritawë se perdeu. Aquele que se perdeu errou de caminho e sua imagem foi embora. Com o eco da sua voz, para toda a floresta se encher de *popomari*. Nós faremos assim, pois nos ensinaram.

Nós também ficamos à deriva em cima dos rios, não voltamos direto. Você se perderá no rio. Ficamos agindo assim, ele sumiu. Ele gritava, gritava e ninguém respondia. Não responderam. Ele se perdeu lá longe, no meio da roça e não responderam. Assim fez, sofreu, por isso, o canto dele se escuta também na terra dos *napë*.

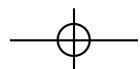
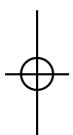


Popomaritawë

YANOMAMÍ pëma kí mohorupë të kái kua. Të rë hiranowei. Mohoruú rë hiranowei. Hikari pata a prapoma. Inaha pëma të pë tapë. Të pata ha praukurarini, hikari a makui ha, a mohoru rë kukenowei, të kái kua. Taprano të hamí mai! Ai të pë no patama hamí mai! Inaha të kuprarioma.

Hapa, të pë rë kuonowei, íhi të pë rë kuprariionowei, íhi napë pë urihipi hamí të pë ã no uhutipi kái kuprawë, a rë kominowei, a tokurayoma, kihamí a rë tokure hamí, a wã no uhutipi yéo xo-aomopotayoma. A komii, popomari pë rë kui, Popomaritawë, a mohorumarema. Íhi a rë kui: *Po, po, po, po, po, po!* Të pë rë kutouwei, urihí a haikirema. Íhi mohoruno a rii rë yakérayonowei, a no uhutipi huokema, íhi a wã no uhutipi; inaha a urihí no popomaripi kuprou haikiopë. Inaha pëma kí kuaapë, pëma kí hirama.

Mau u ha pëma kí kái karëi, pëma kí kái kõo katitiomi. Mau u hamí wa mohorurayou. Inaha pëma kí kuaai rë hëre, a marayoma. A komipraronima, a komiprarama, e të pë ã huonomi. A wã huanomihe. Hikari mi amo të pata hamí, a ma mohoruriati, a wã hírianomihe. Inaha a kuaama, a no preaama, kutaeni, napë a urihí hamí të pë ã kái kuwë. Inaha të pë kui haikiwë.



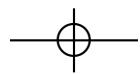
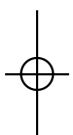
O surgimento da flecha

A HISTÓRIA da flecha. Aconteceu o seguinte. Tinha o dono. Não foi outro que depois de abrir um tipo de roça plantou as flechas. Onde morava o dono, parecia um flechal, essas flechas que eles plantaram em seguida em todos os *xapono*.

Assim que é, porque ele é o dono mesmo. Aquele que descobriu a flecha se chamava Xororiakapëwë, é seu flechal, fará atirar as flechas, aquele que descobriu as flechas, era a imagem das pequenas andorinhas que voam acima da água.

Xororiakapëwë descobriu as flechas, fez as flechas *hauya*. Graças a ele, os Yanomami descobriram a flecha e pegaram-na. O limite do flechal fica na boca do rio subindo; é seu flechal, não é de Yanomami. Eles pegaram as flechas e as espalharam. Ele fez as flechas se multiplicarem.

Os Yanomami não tinham flechas, depois de pegarem-nas e plantarem-nas, eles guerrearam. Antes eram desprovidos, não tinham flechas, eles flechavam com dalas pequenas de arumãs em penas, aquelas flechas nativas, ou de caule de planta *tomi si*. Ofereciam-se essas flechas de má qualidade, pegavam haste de caranarana parecidas com flechas, amarravam penas na extremidade e flechavam com essas flechas de má qualidade. Não existiam flechas de verdade. Foi por ele que os Yanomami se flecharam, pois ele as fez. É o dono mesmo.



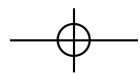
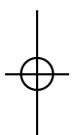
Xereka a rë kuprарionowei

XEREKA a rë kuprарionowei. Wetí naha të kупronomi! Kama pë teri a kua yaro, hawë hikari a pata ha tapramarni, xereka si rë kekenowei ai të kuami. Kama pë teri pënì pë kuopë ha, a përiopë ha, hawë ìnaha si pata kuoma, e të si pata rë kuprарionowei, ihi têhë të rë piyëmai kukenowehei, e si kuoma.

Inaha të kua, kama pë teri yai. Si rë taprarenowehei, kama a rë përiowei, ihi a wâha, Xororiakapewë e si, ihi xereka a niaamapë e si, si rë tapramarenowei, xoro ihi të pë no uhutipi ihirupi yëi, mau u hamí.

Xororiakapewëni si xereka taprarema. Hauya si tapramrema. Ihi iha si he rë harenowehei, a piyëremahe, kihi ipa u rë para kiri, kihi të si pata koro, ihi hei ihete rë të si pata yamoo kurayoi, ihi e si yai, Yanomami tëni mai! Ihi e si piyëremahe. Yanomami të pënì xereka a ponomihe, pei si piyëremahe, si ha piyéréheni, si ha kearíheni, të pë niayorayoma, hapa.

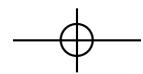
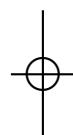
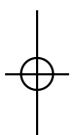
Hapa të pë hòrimoma, xereka a ponomihe, ruhu masi pë wai xomi niaamahe tiritiri të pë wai xîro niaamahe mahemahõ, urihi hamí të si pë rë kuprai, tomi si pokó pë, yâxaamahe, kohere si pokó pë hawë xereka pë rë kure, ihi të pë he õkawa yâxaai no preomahe. Xereka pë kuami yaro. Ihini Yanomami të pë niayopë, si taprarema, ihi teri a yai.



Antes do surgimento do terçado

QUANDO não havia terçado, quebravam o peito das tartaruguinhas *pirema*, rachavam pau e amarravam na fenda do pau aquele peito de tartaruguinha, sofriam com esse tipo de ferramentas com as quais abriam roças. Assim faziam no início.

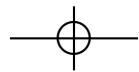
Amaravam também peito de jabuti, derrubavam árvores com machados de pedra, com pedras. Aquelas pretas. Procuravam e juntavam as pedras, afiavam-nas e derrubavam as árvores grandes. Com essas pedras amarradas no pau. Depois de recuperarem todas as pedras, de amarrá-las bem fincadas, eles derrubavam as árvores grandes. Por onde eles moravam, por onde eles habitavam, com a casca do peito das tartaruguinhas, eles cortavam os esteios das casas. Assim que faziam.



Sipara a rë kuprarionowei

SIPARA a mao tēhē, mixiukëmi, misi pë pariki si ha karo-aheni, pë pariki si hähopomahe, hähhoa kurenaha tē pë hähhoaikuo no ha preoheni, ihi tē pë pariki si ha tē pë hikaripi taoma. Ìnaha tē pë kuaama, hapa.

Totori pariki si hähopomahe, poo maro pëni kayapa hi pë tuyëmahe, maa ma pë, tē pë rë ixii, ihi tē pë ha hokaheni, tē pë namo ha taheni, kayapa hi pë tuyëmahe. Hähhoa tē pëni. Pei tē pë ha wäkiaheni, tē pë posí ha õkaaheni, kayapa hi pë tuyëmahe, ihi pei tē pë përiapë hamí xapono a tapehe, ihi misi pë pariki sini, tē pë hätopi nahi pëoma. Ihi tē xíro tamahe.



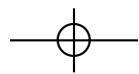
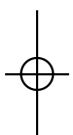
O corte dos cabelos

QUANDO não havia *napë*, sofriam de ter o rosto fechado pelos cabelos que desciam, tinham o rosto como o de mulher por causa dos cabelos. Ele fez o bambu *sunama* e o bambu *waharokoma* aparecerem. Os Yanomami cortavam os cabelos com ponta de tacuará. Quando não o encontravam, usavam o bambu *uhe*. Rasgavam-no e cortavam os cabelos com isso, faziam o corte com esses pedaços. Eles se davam esses pedaços de má qualidade, pois não havia *napë*. As mulheres sofriam com o sangue do corte, quando faziam assim, cortavam a testa, como faziam assim, eles sofriam. No início não havia tesoura.

Qual é o *napë* que apareceria e inventaria aquela tesoura?

No início, se cortavam mutuamente o cabelo com pedaços de tacuará afiados. Partiam o bambu *sunama*, com o qual se cortavam o cabelo mutuamente, com o fio da lâmina. *Kreti!* *Kreti!* *Kreti!* Cortavam-se o cabelo mutuamente. Assim que faziam entre eles. Também não havia facão.

Cortavam também a carne com pedaços de tacuará *sunama*, no início.

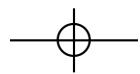


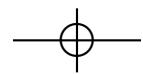
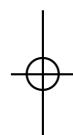
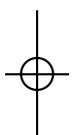
Të pë hemakasi pëyomou rë hapamonowei

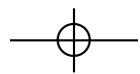
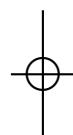
HAPA napë a mao tēhë, pë mi raeke no preaama, tē pë henaki itoma, tē pë mi raeke no preaama, suwë moheki kurenaha, tē pë moheki kuaama, pei tē pë henakinì, ihi tē rë kui, Sunamau he ki rë pëtamarenowei, Waharokoma ki rë pëtamarenowei, rahaka pë atahuni tē pë mi pëoma. Ihi ki he hao mao tēhë, uhe pë wāha yai kua kuhe. Ihi pëni, tē pë ha kakahenì, tē pë mi tayoma, hōra, hanima, atahu pëni. Ihi tē pë yāxaamahe, napë pë kuami yaro, suwë tē pë mi iyë no preaama, inaha tē pë taihe ha, huko si pë hanii, inaha tē pë pata taihe yaro, ihi tē pë ha tē pë no preaama.

Hapa nakira pë kuonomi yaro, weti a napë a ha pëtaruni, ki taprapë? Mi haniyou tē kuoma hapa. Rahaka namo, rahakaa ātahu tē pë haniyoma. Sunama akasi pë kakai piyéohe, ihi tē pë tutakini tē pë mi haniyoma. *Kreti! Kreti! Kreti!* Tē pë henaki tayoma. Inaha pë tayoma. Xokopi pë kāi kuo mao tēhë, xokopi pë kāi kuonomi.

Ihi Sunama akasi pëni tē pë yaropì haniomma. Hapa.







COLEÇÃO «HEDRA EDIÇÕES»

1. *A arte da guerra*, Maquiavel
2. *A conjuração de Catilina*, Salústio
3. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
4. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Friedrich Nietzsche
5. *A fábrica de robôs*, Karel Tchápek
6. *A história trágica do Doutor Fausto*, Christopher Marlowe
7. *A metamorfose*, Franz Kafka
8. *A monadologia e outros textos*, Gottfried Leibniz
9. *A morte de Ivan Ilitch*, Lev Tolstoi
10. *A velha Izerguil e outros contos*, Maksim Górkij
11. *A vida é sonho*, Calderón de la Barca
12. *A volta do parafuso*, Henry James
13. *A voz dos botequins e outros poemas*, Paul Verlaine
14. *A vénus das peles*, Leopold von Sacher-Masoch
15. *A última folha e outros contos*, O. Henry
16. *Americanismo e fordismo*, Antonio Gramsci
17. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
18. *Apologia de Galileu*, Tommaso Campanella
19. *Arcana Cœlestia e Apocalipsis revelata*, Emanuel Swedenborg
20. *As bacantes*, Eurípides
21. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
22. *Ação direta e outros escritos*, Voltaireine de Cleyre
23. *Balada dos enfocados e outros poemas*, François Villon
24. *Carmilla, a vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
25. *Carta sobre a tolerância*, John Locke
26. *Contos clássicos de vampiro*, L. Byron, B. Stoker & outros
27. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
28. *Contos indianos*, Stéphane Mallarmé
29. *Cultura estética e liberdade*, Friedrich von Schiller
30. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
31. *Dao De Jing*, Lao Zi
32. *Discursos ímpios*, Marquês de Sade
33. *Dissertação sobre as paixões*, David Hume
34. *Diário de um escritor (1873)*, Fiódor Dostoiévski
35. *Diário parisiense e outros escritos*, Walter Benjamin
36. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
37. *Don Juan*, Molière
38. *Dos novos sistemas na arte*, Kazimir Maliévitch
39. *Educação e sociologia*, Émile Durkheim
40. *Édipo Rei*, Sófocles
41. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
42. *Emile e Sophie ou os solitários*, Jean-Jacques Rousseau
43. *Emilia Galotti*, Gotthold Ephraim Lessing
44. *Entre camponeses*, Errico Malatesta
45. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal
46. *Escritos revolucionários*, Errico Malatesta
47. *Escritos sobre arte*, Charles Baudelaire
48. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
49. *Eu acuso!*, Zola/ *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
50. *Explosão: romance da etnologia*, Hubert Fichte
51. *Fedro*, Platão
52. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
53. *Flossie, a Vénus de quinze anos*, [Swinburne]
54. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
55. *Fé e saber*, Georg W.F. Hegel

56. *Gente de Hemsö*, August Strindberg
57. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
58. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
59. *História da anarquia (vol. II)*, Max Nettlau
60. *História da anarquia (vol. I)*, Max Nettlau
61. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
62. *Incidentes da vida de uma escrava*, Harriet Jacobs
63. *Inferno*, August Strindberg
64. *Investigação sobre o entendimento humano*, David Hume
65. *Jazz rural*, Mário de Andrade
66. *Jerusalém*, William Blake
67. *Joana d'Arc*, Jules Michelet
68. *Lira grega*, Giuliana Ragusa (org.)
69. *Lisístrata*, Aristófanes
70. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Friederich Engels
71. *Manifesto comunista*, Karl Marx e Friederich Engels
72. *Memórias do subsolo*, Fiódor Dostoiévski
73. *Metamorfoses*, Ovídio
74. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
75. *Narrativa de William W. Brown, escravo fugitivo*, William Wells Brown
76. *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*, WPA
77. *No coração das trevas*, Joseph Conrad
78. *Noites egípcias e outros contos*, Aleksandr Púchkin
79. *O casamento do Céu e do Inferno*, William Blake
80. *O cego e outros contos*, D. H. Lawrence
81. *O chamado de Cthulhu*, H. P. Lovecraft
82. *O contador de histórias e outros textos*, Walter Benjamin
83. *O corno de si próprio e outros contos*, Marquês de Sade
84. *O destino do erudito*, Johann Fichte
85. *O estranho caso do dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Robert Louis Stevenson
86. *O fim do ciúme e outros contos*, Marcel Proust
87. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
88. *O ladrão honesto e outros contos*, Fiódor Dostoiévski
89. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
90. *O mundo ou tratado da luz*, René Descartes
91. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
92. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E. T. A. Hoffmann
93. *O primeiro Hamlet*, William Shakespeare
94. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Piotr Kropotkin
95. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Mikhail Bakunin
96. *O príncipe*, Maquiavel
97. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont
98. *O retrato de Dorian Gray*, Oscar Wilde
99. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
100. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, P. B. Shelley
101. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, John Keats
102. *Odisseia*, Homero
103. *Oliver Twist*, Charles Dickens
104. *Origem do drama barroco*, Walter Benjamin
105. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
106. *Os sovietes traídos pelos bolcheviques*, Rudolf Rocker
107. *Para serem lidas à noite*, Ion Minulescu
108. *Pensamento político de Maquiavel*, Johann Fichte
109. *Pequeno-burgueses*, Maksim Górkí
110. *Pequenos poemas em prosa*, Charles Baudelaire
111. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Robert Stoller
112. *Poemas*, Lord Byron

113. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
114. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
115. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
116. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
117. *Præterita*, John Ruskin
118. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
119. *Rashômon e outros contos*, Ryûnosuke Akutagawa
120. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Mikhail Bakunin
121. *Robinson Crusoé*, Daniel Defoe
122. *Romanceiro cigano*, Federico García Lorca
123. *Sagas*, August Strindberg
124. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Jorge Luis Borges e Osvaldo Ferrari
125. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Jorge Luis Borges e Osvaldo Ferrari
126. *Sobre a filosofia e seu método (Parerga e paralipomena)* (v.II, t.I), Arthur Schopenhauer
127. *Sobre a liberdade*, Stuart Mill
128. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Friedrich Nietzsche
129. *Sobre a ética (Parerga e paralipomena)* (v.II, t.II), Arthur Schopenhauer
130. *Sobre anarquismo, sexo e casamento*, Emma Goldman
131. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
132. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Jorge Luis Borges e Osvaldo Ferrari
133. *Sobre verdade e mentira*, Friedrich Nietzsche
134. *Sonetas*, William Shakespeare
135. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Leonardo da Vinci
136. *Teleny, ou o reverso da medalha*, Oscar Wilde
137. *Teogonia*, Hesíodo
138. *Trabalhos e dias*, Hesíodo
139. *Triunfos*, Petrarca
140. *Um anarquista e outros contos*, Joseph Conrad
141. *Viagem aos Estados Unidos*, Alexis de Tocqueville
142. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
143. *Viagem sentimental*, Laurence Sterne

COLEÇÃO «METABIBLIOTECA»

1. *A carteira de meu tio*, Joaquim Manuel de Macedo
2. *A cidade e as serras*, Eça de Queirós
3. *A escrava*, Maria Firmina dos Reis
4. *A família Medeiros*, Júlia Lopes de Almeida
5. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
6. *Auto da barca do inferno*, Gil Vicente
7. *Bom crioulo*, Adolfo Caminha
8. *Cartas a favor da escravidão*, José de Alencar
9. *Contos e novelas*, Júlia Lopes de Almeida
10. *Crime*, Luiz Gama
11. *Democracia*, Luiz Gama
12. *Direito*, Luiz Gama
13. *Elixir do pajé: poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
14. *Eu*, Augusto dos Anjos
15. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
16. *Helianto*, Orides Fontela
17. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
18. *Iracema*, José de Alencar
19. *Liberdade*, Luiz Gama
20. *Mensagem*, Fernando Pessoa
21. *Meridiano 55*, Flávio de Carvalho
22. *O Ateneu*, Raul Pompeia

23. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
24. *O desertor*, Silva Alvarenga
25. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
26. *Pai contra mãe e outros contos*, Machado de Assis
27. *Poemas completos de Alberto Caeiro*, Fernando Pessoa
28. *Teatro de êxtase*, Fernando Pessoa
29. *Transposição*, Orides Fontela
30. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
31. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
32. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
33. *Índice das coisas mais notáveis*, Antônio Vieira

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

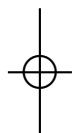
1. *8/1: A rebelião dos manés*, Pedro Fiori Arantes, Fernando Frias e Maria Luiza Meneses
2. *A linguagem fascista*, Carlos Piovezani & Emilio Gentile
3. *A sociedade de controle*, J. Souza; R. Avelino; S. Amadeu (orgs.)
4. *Ativismo digital hoje*, R. Segurado; C. Penteado; S. Amadeu (orgs.)
5. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
6. *Descobrindo o Islã no Brasil*, Karla Lima
7. *Desinformação e democracia*, Rosemary Segurado
8. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
9. *Labirintos do fascismo* (v.III), João Bernardo
10. *Labirintos do fascismo* (v.II), João Bernardo
11. *Labirintos do fascismo* (v.IV), João Bernardo
12. *Labirintos do fascismo* (v.I), João Bernardo
13. *Labirintos do fascismo* (v.VI), João Bernardo
14. *Labirintos do fascismo* (v.V), João Bernardo
15. *Lugar de negro, lugar de branco?*, Douglas Rodrigues Barros
16. *Lulismo, carisma pop e cultura anticritica*, Tales Ab'Sáber
17. *Machismo, racismo, capitalismo identitário*, Pablo Polese
18. *Michel Temer e o fascismo comum*, Tales Ab'Sáber
19. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
20. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva

COLEÇÃO «MUNDO INDÍGENA»

1. *A folha divina*, Timóteo Verá Tupã Popigua
2. *A mulher que virou tatu*, Eliane Camargo
3. *A terra uma só*, Timóteo Verá Tupã Popigua
4. *A árvore dos cantos*, Pajés Parahiteri
5. *Cantos dos animais primordiais*, Ava Nomoandyja Atanásio Teixeira
6. *Crônicas de caça e criação*, Uirá Garcia
7. *Círculos de coca e fumaça*, Danilo Paiva Ramos
8. *Nas redes guarani*, Valéria Macedo & Dominique Tilkin-Gallois
9. *Não havia mais homens*, Luciana Storto
10. *O surgimento da noite*, Pajés Parahiteri
11. *O surgimento dos pássaros*, Pajés Parahiteri
12. *Os Aruaques*, Max Schmidt
13. *Os cantos do homem-sombra*, Patience Epps e Danilo Paiva Ramos
14. *Os comedores de terra*, Pajés Parahiteri
15. *Xamanismos ameríndios*, A. Barcelos Neto, L. Pérez Gil & D. Paiva Ramos

COLEÇÃO «ECOPOLÍTICA»

1. *Anarquistas na América do Sul*, E. Passetti, S. Gallo; A. Augusto (orgs.)
2. *Ecopolítica*, E. Passetti; A. Augusto; B. Carneiro; S. Oliveira, T. Rodrigues (orgs.)
3. *Pandemia e anarquia*, E. Passetti; J. da Mata; J. Ferreira (orgs.)



Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na data de 20 de
janeiro de 2026, em papel Pôlen Soft 80, composto em tipologia
Libertine, 11 pt, com diversos softwares livres,
dentre eles LuaTeXe git.
(v. 3077325)

—

